

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS**

**ANÁLISE ENUNCIATIVA DO LIVRO *A MÁQUINA DE FAZER ESPANHÓIS*:
A MEMÓRIA E A REMINISCÊNCIA COMO CONSTITUTIVAS DE UMA
NARRATIVA**

PORTO ALEGRE

2023

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS**

**ANÁLISE ENUNCIATIVA DO LIVRO *A MÁQUINA DE FAZER ESPANHÓIS*:
A MEMÓRIA E A REMINISCÊNCIA COMO CONSTITUTIVAS DE UMA
NARRATIVA**

EWALDO CAMPOS MARTINS

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Silva

Este Trabalho de Conclusão de Curso é requisito parcial para obtenção do título de
LICENCIADO EM LETRAS.

**PORTO ALEGRE
AGOSTO, 2023**

EWALDO CAMPOS MARTINS

**ANÁLISE ENUNCIATIVA DO LIVRO *MÁQUINA DE FAZER ESPANHÓIS*:
A MEMÓRIA E A REMINISCÊNCIA COMO CONSTITUTIVAS DE UMA
NARRATIVA SUBJETIVA**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras pelo Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

BANCA EXAMINADORA:

Carmem Luci da Costa Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Carolina Knack

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Silvana Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer aos meus pais. À minha mãe, Isis, que sempre foi o meu maior exemplo de dedicação, carinho e esforço. Muito obrigado por sempre incentivar meus estudos e leituras. Ao meu pai, Maurício, por sempre me mostrar que é importante nunca desistirmos de nossos sonhos e que jamais devemos deixar de caminhar. Como uma extensão destes, aos meus avós, Renan e Zilda, que, infelizmente, não estão mais aqui para ver eu me formar, mas que, em consonância com esta pesquisa e este trabalho, sempre foram as bases afetivas de minhas memórias e de meus ímpetos. Aos meus tios e tias, primos e primas, por todos esses anos de partilhas. Sem o apoio e amor de todos vocês, não teria chegado até aqui hoje.

Gostaria de agradecer aos meus amigos, Kainan e Eduardo, com os quais não só dividi trabalhos e inúmeras cadeiras, mas muitas risadas, angústias e fardos que carregamos ao longo da graduação. Essa jornada foi imensamente enriquecida por vocês.

Ainda, aos amigos da vida, que por mais longe que estivessem, foram sempre baterias que me encheram de motivação nessa longa caminhada.

Agradeço, também, a todos os professores da minha vida que, de alguma forma, fazem parte deste trabalho tanto quanto as letras e normas de formatação que o compõem. Em especial, agradeço à professora Daniela e ao professor Adauto, os primeiros a confiarem no meu desenvolvimento enquanto professor e pesquisador. Sou eternamente grato a vocês.

Às minhas duplas de pesquisa ao longo dos anos, Gabriela e Luiza, por dividirem suas experiências e aprendizados comigo.

Por fim, gostaria de agradecer imensamente à professora Silvana, por acreditar em minha capacidade e sempre se colocar à disposição para me guiar neste processo tão árduo que é o TCC. Muito obrigado por todos os encontros de orientação, as conversas sobre os textos e os docinhos que sempre levava para alegrar nossos encontros. Se este processo foi o mais leve, proveitoso e enriquecedor que já tive, muito se deve à orientação ímpar da professora Silvana.

RESUMO

A presente pesquisa propõe uma análise enunciativa do livro *a máquina de fazer espanhóis*, de Valter Hugo Mãe. Nesse sentido, observam-se as significações que o autor emprega em sua obra para construir uma narrativa com vistas a focalizar o papel das memórias na construção do *eu*. Entende-se, portanto, a memória individual como uma complexa trama de representações que formam uma espécie de narrativa pessoal, na qual o narrador se constitui enquanto um *eu* com base nas elaborações construídas em cima de suas vivências. Para compor o presente quadro de análise aqui empregado, utilizou-se, fundamentalmente, os conceitos sobre a natureza da linguagem de Émile Benveniste, que discutem o índice de pessoa, o tempo na língua, a subjetividade da linguagem e a forma de proposição de um locutor enquanto um *eu* no processo de enunciação. Para além dos apontamentos do autor, também compuseram a lente teórica as reflexões de Walter Benjamin e o estudo de Henri Bergson sobre a memória. O estudo foi dividido em três capítulos que delimitam aspectos da narrativa e sua relação com a memória, separados em temáticas transversais da obra, ou seja, que atravessam e estão presentes na totalidade do livro. Em cada um dos três capítulos, trechos da obra foram analisados em uma aproximação das teorias supracitadas, com vistas a iluminar uma possibilidade de leitura do livro. Assim, ficou evidente a pertinência da análise de obras literárias sob a perspectiva da teoria enunciativa, que evidencia a força de significações possíveis nesses textos. Concluiu-se que o diálogo estabelecido entre as diferentes correntes teóricas aqui empregadas e aplicado a um objeto estético pode contribuir para os estudos de diferentes áreas do conhecimento, suscitando distintas leituras e interpretações.

Palavras-chave: *a máquina de fazer espanhóis*. Teoria da Enunciação. Memória.

RESUMEN

La presente investigación propone un análisis enunciativo del libro *la máquina de hacer españoles*, de Valter Hugo Mãe. En ese sentido, se observan las significaciones que el autor emplea en su obra para construir una narrativa con el objetivo de focalizar el papel de las memorias en la construcción del *yo*. Se entiende, por lo tanto, la memoria individual como una compleja trama de representaciones que forman una especie de narrativa personal, en la cual el narrador se constituye como un *yo* con base en las elaboraciones construidas encima de sus vivencias. Para componer el presente cuadro de análisis acá empleado, se utilizó, fundamentalmente, los conceptos sobre la naturaleza del lenguaje de Émile Benveniste, que discuten el índice de persona, el tiempo de la lengua, la subjetividad del lenguaje y la forma de proponer un locutor como un *yo* en el proceso de enunciación. Además de los apuntes del autor, las reflexiones de Walter Benjamin y el estudio de Henri Bergson acerca de la memoria también compusieron la lente teórica. El estudio fue dividido en tres capítulos que delimitan elementos de la narrativa y su relación con la memoria, separados en materias transversales de la obra, o sea, que atraviesan y que están presentes en la totalidad del libro. En cada uno de los tres capítulos del trabajo, pasajes de la obra fueron examinados en una aproximación con las teorías antedichas, con la finalidad de iluminar una posibilidad de lectura del libro. Luego, quedó claro la pertinencia del análisis de obras literarias bajo la perspectiva de la teoría de la enunciación, que evidencia la fuerza de significaciones posibles en estos textos. Se concluye que el diálogo establecido entre las diferentes teorías acá utilizadas y aplicado a un objeto artístico puede aportar los estudios de diferentes áreas del conocimiento, suscitando distintas lecturas e interpretaciones.

Palabras clave: *la máquina de hacer españoles*. Teoría de la Enunciación. Memoria.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	8
CAPÍTULO I - FAMÍLIA E MEMÓRIA.....	15
CAPÍTULO II - PÁTRIA E MEMÓRIA.....	27
CAPÍTULO III - MEMÓRIA E MORTE.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	58

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

eu acabara de aprender que a vida tem de ser mais à deriva,
mais ao acaso, porque quem se guarda de tudo foge de tudo.

(Valter Hugo Mãe)

A literatura, em seu sentido mais amplo, tem a capacidade de construir correlatos com as nossas vidas. Valter Hugo Mãe, em uma entrevista para o Programa do Jô, diz que, para ele, o exercício da escrita, assim como o da leitura, tem em si essa característica, pois possibilita que nos coloquemos no lugar do outro. Para Mãe, utopicamente, o que um autor ou um escritor se propõe a fazer em seu trabalho é tentar entender o lado de lá, o outro, uma vez que para ele a ficção é sempre uma proposta de entendimento do que é esse outro. Assim, o autor adota o nome “Mãe” pois esse, na sua visão, é o polo mais extremo de si, sua própria mãe. Aí reside o foco do seu trabalho, o qual consiste em entender, enquanto escritor, toda a amplitude de outros que existem e habitam entre ele e esse polo. Nos seus quatro romances iniciais, Mãe adota uma técnica inaugurada por Saramago: a escrita em minúsculas. Com esse jogo, o autor cria um ambiente no qual os diálogos e as ações das personagens estão mediados apenas pela pontuação simples do ponto e da vírgula, e em que somente imperam as minúsculas, aludindo à uma democracia da palavra, onde todas têm o mesmo valor. Além disso, o jogo semântico aqui construído abre espaço para uma maior participação do leitor, o qual é convidado para completar as lacunas de significados que surgem na leitura, restando a esse leitor o papel de pontuar algo com maior ou menor importância na narrativa.

Sob essa perspectiva, quando pensamos no estudo da enunciação presente em Benveniste, vemos que o locutor implanta um alocutário diante de si e se marca no discurso como um *eu* no momento da enunciação. Isso pois, como postula o autor:

Enquanto realização individual, a enunciação pode se definir, em relação à língua, como um processo de apropriação. O locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro. Mas imediatamente, desde que ele se declara locutor e assume a língua, ele implanta o outro diante de si, qualquer que seja o grau de presença que ele atribua a este outro. Toda enunciação é, explícita ou

implicitamente, uma alocução, ela postula um alocutário. (Aparelho formal da enunciação, [1970], PLG II¹, p. 84).

Assim sendo, pensando no conceito de categoria dos pronomes utilizado por Benveniste para descrever estes signos que utilizamos para implantar a *pessoa* na enunciação, podemos entrelaçar a construção do *eu/ego*, a partir de suas memórias e vivências, à teoria enunciativa para analisar a obra. Isso porque necessariamente se passa pela marcação de um *tu* diante de si para se constituir como um *eu* e, no momento em que se instancia esse *eu* se marca este sujeito na instância do discurso do presente da enunciação, “preenchendo” tal pronome da identidade advinda de memórias e vivências particulares. Dessa forma, neste trabalho, nos propomos a analisar trechos do livro do autor português, mobilizando a teoria enunciativa e voltando nossa mirada justamente para os processos de construção da memória presentes na obra.

Nesta lógica, escrever sobre Valter Hugo Mãe é uma tarefa importante para mim, pois o autor, assim como a obra em questão, tiveram particular peso em minha escolha pelo curso de Letras e estiveram presentes na segunda aula que dei como professor em formação. Por isso, nada mais simbólico e significativo para mim que encerrar minha trajetória na graduação com uma análise desta obra literária.

A narrativa que aqui nos propomos a analisar é composta de memórias e reminiscências. Quase como um diário, *a máquina de fazer espanhóis* narra a trajetória de Antonio Silva, um homem idoso que tem sua vida virada do avesso do dia para a noite após a morte de Laura, sua mulher e companheira. Seus filhos optam por colocá-lo em um asilo, o lar Feliz Idade, causando uma enorme revolta e indignação em Antonio, que sente-se traído. Ao longo da trama, somos convidados a embarcar nas memórias da vida do narrador personagem, que a todo momento tomam o plano principal da narrativa e descortinam o cinza e nebuloso que é o caráter dessa personagem. Além de ilustrar aspectos relevantes ao tema abordado, da constituição do *eu* a partir da análise e (re)contação de suas experiências. esse livro nos traz reflexões importantes sobre a terceira idade e o envelhecimento, sempre situando-nos nessa instância em que agora Silva se encontra.

Dessa maneira, era necessário propor uma lente de análise. Em realidade, nesse caso em específico, o método de análise que atraiu o material. Antes mesmo da escolha da obra, já

¹ Em estudos sobre Benveniste é comum utilizar a abreviação dos dois volumes do *Problemas de Linguística Geral*, mencionando-os como PLG I e PLG II, diferentemente do que é recomendado pela ABNT. Assim, optamos por chamar a obra *Problemas de Linguística Geral II* (1989) de PLG II no texto. Ainda, decidimos apontar o ano da publicação original de cada texto referenciado, visando respeitar a diacronia existente entre as obras do autor.

havia escolhido o trabalho com Benveniste e a teoria enunciativa. Tive meu primeiro contato com o autor na cadeira de Visão Crítica da Gramática, no segundo semestre do curso. Desde a primeira leitura fui conquistado pela forma livre e quase poética com que o autor escreve. O tema da subjetividade teve um grande impacto em mim, pois dialoga com vários temas de meus interesse, como a construção desse *eu* (qual sendo ele) e a articulação entre este locutor e o mundo ao seu redor.

Com vistas a isso, propusemos aproximar as dimensões do tempo presentes no texto “A Linguagem e a Experiência Humana” ([1956] PLG II), de Benveniste, à alguns elementos constituintes e próprios da memória presentes no trabalho de Bergson, *Matéria e Memória* (1896). Para nós, a memória constitui uma narrativa interna para cada pessoa, assim a formação de um *eu* passa, obrigatoriamente, por um processo de coesão deste corpo de memórias — um processo de constante mediação e atualização destas últimas. Segundo Benveniste, o observador — um *sujeito* que olha para suas lembranças — pode lançar seu olhar em duas direções quando examina a sequência de acontecimentos congelada na história, chamada pelo autor de *tempo crônico*, pois admite uma consideração bidirecional: do passado para o presente ou do presente para o passado. No entanto, o tempo da vida vivida corre somente em uma direção, logo, quando o observador (re)invoca essas lembranças, ele sempre o faz de um ponto de vista distinto. Nesse sentido, quando pensamos na dimensão da memória, é importante frisar que existem dois aspectos essenciais relativos a esta: o real e o fictício. É importante salientar a existência de um fato concreto, um acontecimento real. Esse acontecimento, enquanto evento real, constitui-se como uma ação transcorrida e terminada que, sendo assim, somente existe enquanto acontece — chamada por Bergson de *lembrança pura*. Deste modo, quando constrói-se a *imagem* mental desta — também chamada pelo autor de *imagem-lembrança*, ela já possui a impressão de seu observador, já está mediada pelo inconsciente, ou seja, está submetida às experiências e crenças daquele mediador.

Isto posto, o livro a ser analisado se encaixa perfeitamente nessa temática, uma vez que, ao longo da narrativa, o seu narrador produz uma série de reminiscências que resgatam os acontecimentos de sua vida. Contudo, ele o faz com uma postura extremamente *revisionista* frente ao recente trauma que experienciou (a morte de sua esposa). É dizer: prontamente se coloca em posição de visitar e revisar essas *imagens-lembranças* produzidas ao longo de sua vida para fazer uma espécie de edição na sua auto-imagem. Em um processo de síntese, o narrador reexamina sua história pessoal em ordem a tentar entender que lugar ainda há para si no mundo. Além disso, em “A natureza dos pronomes” ([1956]

PLG I²), de Émile Benveniste, vemos que “*Eu* significa ‘a pessoa que enuncia a presente instância do discurso que contém *eu*’ (PLG I, p. 278); por conseguinte, esse só existe no presente, pertencendo à instância do discurso do momento da enunciação. Um sujeito sempre se enuncia em um processo de atualização dessa instância do discurso e, desse modo, de uma atualização do *eu* que a enuncia, pois esse sempre e somente existe como referente e referido. Sendo assim, a todo momento que um locutor se implanta como um *eu* no discurso, ele o está fazendo de uma instância presente, sendo sempre um sujeito único e diferente; daí o paralelo entre a mediação da memória e a atualização do *eu* no discurso.

Em *a máquina de fazer espanhóis*, Valter Hugo Mãe — doravante VHM — constrói uma colcha de retalhos fantástica na figura de Silva, seu narrador. A personagem, que agora se vê no ato final de sua vida, tendo que se despedir de quase tudo que conhecia como familiar após a morte de sua companheira e a decisão de seus filhos de o enviarem para um lar de idosos, depara-se, de modo revoltado e reticente, com tudo que viveu e tudo que havia “desenhado” para si ao longo dos anos. Pode-se ver que VHM cria, nessa personagem, todos os elementos relevantes à nossa análise, pois trata e discute de perto justamente os aspectos fundacionais do *eu* e como esse se modifica no momento da enunciação de suas memórias.

A partir desse recorte, analisamos como as esferas linguística, literária e psíquica se entrelaçam para compor o quadro sobre a velhice criado por VHM. Dessa forma, pensando em como esse sujeito se desenvolve e se relaciona com o mundo a partir de sua solidão auto-imposta ao chegar no asilo, analisamos distintas esferas da memória produzidas na narrativa, a saber: 1) memória e família; 2) memória e pátria; 3) memória e morte. Optamos por abandonar uma metodologia de análise linguística mais clássica, voltada a um recorte por capítulos do livro, em favor de uma metodologia voltada à análise enunciativa transversal (Flores, 2010). Essa abordagem transversal tem como foco, para uma investigação mais aprofundada, os aspectos que *atravessam* a totalidade da obra, isto é, que estão presentes ao longo de toda a extensão do objeto estético em questão. Deste modo, pensamos em separar elementos centrais da obra de VHM que dialogassem com a temática da memória. Contudo, muitos são os temas que percorrem a narrativa de *a máquina de fazer espanhóis* (2016). Portanto, selecionamos os três que consideramos fundantes da identidade tanto do narrador-personagem como do próprio livro. Esses aspectos da narrativa constituem três esferas para análise: 1) da família, que é ponto pivotal para o início da narrativa e da qual

² Em estudos sobre Benveniste é comum utilizar a abreviação dos dois volumes do *Problemas de Linguística Geral*, mencionando-os como PLG I e PLG II, diferentemente do que é recomendado pela ABNT. Assim, optamos por mencionar a obra *Problemas de Linguística Geral I* (1976) no texto como PLG I, apontando, também, a data de publicação original de cada texto citado.

surtem as primeiras angústias e revoltas do protagonista; 2) da pátria, que ocupa papel central na discussão sobre identidade levantada por VHM no segundo plano do livro, já que acontece em um nível mais profundo da narrativa, ainda que esteja no plano de consciência de Silva quando este resgata as lembranças do regime militar de Salazar; 3) da morte, pois essa é a esfera com a qual Silva e os demais residentes do asilo estão dialogando a todo momento, já que sua iminência somente cresce conforme a narrativa avança.

Pode-se ver, em Flores (2010), a proposição desta metodologia de análise enunciativa transversal, a qual enxerga e estabelece as unidades do enunciado em relação de distribuição em função da forma e do sentido, em uma organização proposta como de fronteira. Assim, essa ideia se constitui como articulatória entre os níveis da linguagem, que, segundo o autor, estão em uma inter-relação muito singular que cria sentido e referência ao mesmo tempo. Logo, podemos olhar para os sentidos presentes ao longo de uma obra em consonância com a forma da enunciação empregada, ou seja, a maneira como o locutor mobiliza a língua em seu discurso. Portanto, nessa metodologia de análise, importa-nos como o narrador articula os sentidos e as formas em função de sua narrativa, se debruçando sobre aspectos fundamentais da obra. Esses, por sua vez, atravessam a totalidade linguística do objeto estudado, sendo constituintes e fundacionais, de uma certa forma, da identidade do livro, assim como de sua trama e narrativa. Dessa maneira, enxergamos os níveis de análise em integração de forma e sentido para gerar um sentido global no texto, produzindo efeitos ao longo de toda obra literária, os quais organizam-se em temáticas centrais da trama. Com base nessa ideia, selecionamos para análise trechos que conversam com distintos elementos da história, os quais estão diluídos, dispersos e presentes ao longo de todo o livro.

Ainda, é importante frisar que, como anota Flores em “Teoria da Enunciação” (2019), a teoria enunciativa dos trabalhos de Benveniste é “uma consequência *a posteriori* da leitura da reunião dos artigos nos livros do que propriamente de uma atitude deliberada de Benveniste de fazer teoria” (2019, p. 147). Como argui o autor, isso ocorre pois o interesse de Benveniste não era propor uma teoria, mas sim *pensar e discutir* os funcionamentos da língua em *uso*, refletindo sobre ela como *ato individual de utilização da língua*, sendo o foco deste o indivíduo, e como uma *relação discursiva com o parceiro*, na qual o foco recai sobre os interlocutores. Flores defende que, devido a essa flutuação conceitual, é necessário adotar algumas medidas metodológicas para a leitura da obra de Benveniste. Dentre essas medidas, é importante citar a necessidade de dar prioridade a uma lógica interna de cada texto, respeitando, assim, a diacronia existente nessas publicações, e evitar fazer comparações entre os textos, justamente pela flutuação conceitual. Ainda, é fundamental, segundo o autor,

selecionar um *corpus textual de pesquisa* (Flores, 2019, p. 149), que consiste em uma delimitação de textos, com proximidade conceitual, a serem empregados na análise pretendida.

Entretanto, para aproximar o ambiente literário ao estudo linguístico, precisávamos criar uma lente de análise que abarcasse os aspectos significativos dessa análise. É dizer: faltava aproximar a teoria sobre a linguagem, presente nos estudos de Benveniste, à construção da experiência histórica, com base na qual poderíamos inferir a respeito da narrativa individual da personagem de VHM. Nessa medida, acrescentamos à discussão reflexões de Walter Benjamin, trazendo pontos importantes sobre o estudo literário ao quadro geral de análise. Para isso, nos baseamos nos textos “Experiência e pobreza” (1933), “Sobre o conceito da história” (1940) e “O narrador” (1936). Além desses, os textos que compõem a lente de análise aqui empregada, do ponto de vista enunciativo, são: “A natureza dos pronomes” ([1956] PLG I), “Da subjetividade na linguagem” ([1958] PLG I), “A linguagem e a experiência humana” ([1965] PLG II) e “O aparelho formal da enunciação” ([1970] PLG II) de Émile Benveniste.

Isso posto, foi necessário examinarmos como os conceitos de pessoa, tempo e instância do discurso, presentes em Benveniste, se relacionam com o de memória, do livro de Bergson, e os de história, experiência e narrador, presentes em Benjamin. Logo, tentou-se compreender a formação do *eu* dentro da obra analisada e os processos de construção da memória, advindos das revisões empreendidas pelo narrador-personagem no recorte situado. Ainda, pretende-se compreender como a subjetividade da linguagem compõe e cria as significações desse narrador, e como os mecanismos linguísticos empregados aqui atuam em função da narrativa e da composição dessa história.

Para este fim, a presente pesquisa está organizada em cinco partes. Com o intuito de desenvolver uma investigação baseada na *transversalidade enunciativa* (Flores, 2010), a forma empregada aqui é de viés ensaístico, pois a pesquisa está organizada em três capítulos — orientados pelas temáticas —, nos quais discutimos e analisamos trechos do livro à luz dos conceitos teóricos dos textos que compõem o *corpus de pesquisa*, não limitando-nos a análise de capítulos isolados, mas dando ênfase ao diálogo a ser construído entre a teoria e os eixos temáticos que estão presentes em diferentes momentos da obra. Para Flores, a *transversalidade enunciativa* “se caracteriza por permitir ver a língua como um todo atravessado pelas marcas da enunciação” (2010, p. 396), já que, para Benveniste, os níveis de análise linguística são concebidos “formados por unidades que estão em relação de distribuição e integração, de forma e sentido, portanto, em uma organização que

consideramos ser de fronteira.” (Flores, 2010, p. 400). Desta maneira, isso implica que essas relações estão intimamente ligadas para criar referência e sentido na frase. Sob esse viés, portanto, pretendemos analisar o livro de VHM através dessa perspectiva enunciativa, investigando as marcas enunciativas utilizadas pelo autor para estruturar a narrativa e dar profundidade e complexidade para suas personagens ao longo de todo o livro, os instanciando enquanto *pessoas do discurso* em diferentes níveis de tempo, lugar e pessoa.

Ademais, vale salientar que, dado o narrador-personagem criado no livro analisado, o foco recairá sempre em pensarmos sobre suas ações, pensamentos e sentimentos. Por meio das contradições presentes em seu discurso, podemos estipular algumas hipóteses narrativas, mas nunca definir situações. Analisaremos, propriamente, o processo de luto pelo qual essa personagem está passando e as constantes modificações que sua personalidade experimenta, que se revelam nas marcas linguísticas de enunciação presentes nesse livro. Obra essa que se organiza como uma espécie de diário no qual o tempo avança rapidamente de um capítulo ao outro, tanto para o futuro da narrativa (da história de Silva que está sendo contada), como para o passado da personagem (para as memórias com as quais ele parece entrar em conflito, num movimento de confronto com o que acreditava ser sua identidade, agora que perdeu as bases dessa — sua família).

É importante anotar que a forma e a metodologia aqui empregadas são inspiradas pelo Trabalho de Conclusão de Curso de Letícia Pintos da Silva (2021), que propõe instâncias de análise semelhantes, provenientes da mesma linha de pesquisa. No trabalho de Silva, fora realizada uma análise enunciativa na qual a autora emprega um *corpus textual de pesquisa* — baseado em textos selecionados de Benveniste — para realizar uma leitura de *O livro do desassossego* (Pessoa, 2015), em paralelo com a série de pinturas *Janelas* de Edward Hopper, através da lente composta pelos conceitos dos textos de Benveniste, visando entrelaçar o fazer linguístico do fazer literário e artístico. Para isso, foi empregada a forma de ensaio, que confere mais fluidez e liberdade de ir e vir entre a teoria e os objetos estéticos analisados.

CAPÍTULO I - FAMÍLIA E MEMÓRIA

O presente capítulo tem por foco e objetivo a análise de trechos da obra que contribuam para uma das perspectivas possíveis de leitura. Aqui, pretende-se empregar a metodologia de análise enunciativa anteriormente citada, que engloba uma análise enunciativa transversal do livro, a qual tem por pressuposto a compreensão de temas que atravessam a totalidade do objeto estético, gerando uma análise global da significação. Subjacente à temática guarda-chuva da memória, que orienta este trabalho, optamos por dividir as análises em três grandes temáticas que ilustram os processos de transformação e modificação da narrativa interna do narrador e da construção da identidade que esse personagem cultiva sobre si mesmo e sua vida. Dentre as temáticas transversais desse livro, pensamos ser a da família a primeira a se destacar e a última em um sistema semelhante a um diagrama de Euler, no qual uma temática engloba a outra dentro da narrativa. No centro, temos a relação que está a ser construída do personagem com a morte, superior a ela, temos sua relação com Deus e a religião, mais acima, temos a relação com o regime e, abarcando todas, temos a relação com a família, que parece ser o tema principal da narrativa e orienta as demais esferas da vida do personagem. Não obstante, cada uma dessas esferas guarda em seu interior uma relação com a seguinte, sendo uma cadeia conectada que afeta na produção de sentidos e na elaboração da personalidade e dos ideais desse protagonista.

Para essa análise, de como a memória se articula à família na trama, utilizamos o procedimento de análise enunciativa transversal. Logo, buscou-se por trechos, ao longo de toda a obra, que expressam bem pontos chave dessa temática ao serem abordados. Para tanto, foram selecionados nove trechos ao total, os quais foram abordados com vistas a tentar compreender como esta temática de memória e da família está presente na narrativa. Para isso, foram utilizados aportes teóricos da teoria da enunciação de Émile Benveniste, sendo eles: “A natureza dos pronomes” ([1956] PLG I) e “Da subjetividade na linguagem” ([1958] PLG I).

a laura morreu, pegaram em mim e puseram-me no lar com dois sacos de roupa e um álbum de fotografias, foi o que fizeram, depois, nessa mesma tarde, levaram o álbum porque achavam que ia servir apenas para que eu cultivasse a dor de perder a minha mulher, depois, ainda nessa mesma tarde, trouxeram uma imagem da nossa senhora de fátima e disseram que, com o tempo, eu haveria de ganhar um credo religioso, aprenderia a rezar e salvaria assim a minha alma. e um médico respondeu, a verdade é que ficam mais calmos, achei que era esperado de mim um desespero

motor, digo motor para dizer de acção, algo como partir coisas, revirar os móveis, agredir fisicamente os funcionários, os enfermeiros que me poderiam prender, o quarto pequeno é todo ele uma cela, a janela não abre e, se o vidro se partir, as grades de ferro antigas seguram as pessoas do lado de dentro do edifício, pus-me a olhar para o chão, com ar de entregue, estou entregue, pensei, aos meus pés os dois sacos de roupa e uma enfermeira dizendo coisas simples, convencida de que a idade mental de um idoso é, de facto, igual à de uma criança, o choque de se ser assim tratado é tremendo e, numa primeira fase, fica-se sem reacção, se aquela enfermeira pudesse acabar com aquele sorriso, ao menos acabar com aquele sorriso, seria mais fácil para mim entender que os meus sentimentos valiam algo e que sofrer pela Laura não vinha de uma lonjura alienígena, não era uma estupidez e, menos ainda, vinha de um crime para clausura e tudo. (Mãe, 2016, p. 37 - 38).

No fragmento acima, vemos a personagem protagonista, o narrador da história, Antonio Silva, contemplando sua nova realidade. O principal ponto que chama a atenção é como ele vê sua nova morada, o asilo Feliz Idade. O nome soa até um pouco cômico se pararmos para analisar, já que um dos focos dessa narrativa é justamente a difícil realidade sobre o envelhecer, com a regressão gradual e constante das nossas funções cognitivas e motoras. Então, tudo se apresenta de modo ameno, um nome simpático para o lar, uma enfermeira doce e gentil, uma singela estátua religiosa para expressar algum possível conforto para este recém viúvo. Contudo, tudo tem um gosto e um sabor amargo na boca desta personagem, pois aquela que conferia cor ao seu dia a dia não está mais ali. Por isso, Silva pode apenas enxergar este lugar como uma prisão onde zombam de sua dor e parecem, para ele, negar os sentimentos que, na sua concepção, são os mais avassaladores que se pode imaginar. Diante dessa nova conjuntura, após a perda de sua companheira e parceira, Antonio se vê, inicialmente, em um abismo. Isso pois, em um primeiro movimento, a narrativa tem uma grande queda em seu “clima”, no estado das coisas, ilustrando a dor profunda do estado emocional dessa personagem, que, com todas as suas forças, nega e rejeita essa perda:

abracei o corpo da minha mulher, segurei-lhe a mão, a sua cabeça no meu ombro, criei um pequeno embalo, como para adormecê-la, ou como se faz a quem chora e queremos confortar, vai ficar tudo bem, vai correr tudo bem. o que era impossível, e o impossível não melhora, não se corrige, estávamos encostados à parede, sob o cortinado, como fazíamos na juventude para os beijos e para as partilhas tolas de enamorados, estávamos escondidos de todos, eu e a minha mulher morta que não me diria mais nada, por mais insistente que fosse o meu desespero, a minha necessidade de respirar através dos seus olhos, a minha necessidade vital de respirar

através do seu sorriso, eu e a minha mulher morta que se demitia de continuar a justificar-me a vida e que, abraçando--me como podia, entregava-me tudo de uma só vez. e eu, incrível, deixava tudo de uma só vez ao cuidado nenhum do medo e recomeçava a gritar. (Mãe, 2016, p. 35).

É nesse momento de profundo desespero que balizamos a importância dessa relação. A passagem supracitada é a primeira de muitas aparições que temos de Laura, a falecida esposa de Silva, como o grande amor da personagem que nos fala dessa relação. A vista disso, em oposição a profundidade de tal perda, esboçamos o contorno da altura dessa paixão. Agora, passada essa mediação inicial da perda, a narrativa sobe imediatamente ao sentimento de revolta nascido daí, a ira de “perder quem não se pode perder” (Mãe, 2016, p. 36), além da traição de ser levado a um lugar de esquecimento. Dessa maneira, nos é apresentado o Feliz Idade, asilo onde Silva é entregue a essa dor e se deixa viver dessas reminiscências, enquanto que, internamente e a todo momento, se vê no imperativo de extravasar toda aquela energia motora (como ele mesmo chama), de partir alguma coisa, a qual vem substituir em parte o lugar antes ocupado por seus laços. Pensamos que esse lugar é o primeiro grande personagem desta narrativa a se apresentar para Silva em seu caminho em direção ao fim. Ele é pintado e apresentado para nós como este purgatório de brancura, um “estágio para a desintegração final” (*Ibid.*, p. 40), e o lugar de abandono do viver, como no trecho abaixo:

sorriem, umas palmadinhas nas costas, devagar que é velhinho, e depois vão-se embora para casa a esquecerem as coisas mais aborrecidas dos dias. onde ficamos nós, os velhinhos, uma gelatina de carne a amargar como para lá dos prazos, que ódio tão profundo nos nasce, como incrivelmente nos nasce alguma coisa num tempo que já supúnhamos tão estéril. (Mãe, 2016, p. 37).

Portanto, quase o descrevendo como um solo infértil de sentimentos e quaisquer ânimos prováveis, o Feliz Idade é, para a personagem, apenas um “estágio”. Em vista disso, ele pensa estar de alguma forma se revoltando contra o cinismo das pessoas que o colocaram no asilo e que se sentem todas piedosas de sua velhice, com “tapinhas nas costas”, e a comiseração daqueles que parecem lhe instituir a negativa de vida neste momento final. Dessa maneira, resta-lhe apenas se retirar do campo do viver, como um ato de rebelião contra esse “estatuto” que lhe impõe, e, por isso, deixa de falar assim que chega ao asilo. Quando voltamos, em paralelo, nossa análise aos escritos benvenistianos, especificamente pensando na natureza da enunciação, o autor define, em “Natureza dos Pronomes” ([1956] PLG I), as características

próprias destes marcadores de pessoas do discurso. Assim, para o autor, os pronomes *eu* e *tu* só existem enquanto no momento da enunciação, virtualmente eles só podem existir enquanto enunciados no momento presente do discurso, em uma instância situada em um aqui e agora específicos:

Qual é, portanto, a “realidade” à qual se refere *eu* ou *tu*? Unicamente uma “realidade de discurso”, que é coisa muito singular. *Eu* só pode definir-se em termos de “locução”, não em termos de objetos, como um signo nominal. *Eu* significa “a pessoa que enuncia a presente instância do discurso que contém *eu*”. Instância única por definição, é válida somente na sua unicidade. [...] É preciso, assim, sublinhar este ponto: eu só pode ser identificado pela instância de discurso que o contém e somente por aí. Não tem valor a não ser na instância na qual é produzido. Paralelamente, é também enquanto instância de forma eu que deve ser tomado; a forma *eu* só tem existência lingüística no ato de palavras que a profere. Há, pois, nesse processo uma dupla instância conjugada: instância de eu como referente, e instância de discurso contendo eu, como referido. A definição pode, então, precisar-se assim: eu é o "indivíduo que enuncia a presente instância de discurso que contém a instância lingüística *eu*". (PLG I, p. 278 - 279, grifos do autor).

Pensando em termos narrativos, nos discursos produzidos por essa personagem, na sua situação de vida e o que pretende, remetemos aos indicadores do discurso com os quais ele está disposto a se enunciar. Quando Silva se nega a falar na chegada ao asilo, quando retira-se e evita o plano discursivo não se marcando e se enunciado naquele momento, ele rejeita essa nova instância do discurso, vide o seguinte trecho: “[...] depois apercebeu-se que eu não verbalizou coisa alguma e entendeu. acrescentou que, por vezes, entravam uns assim. não queriam amizades mas, com o tempo, começavam a falar e a criar afecto pelos outros” (Mãe, 2016, p. 42). Ele tenta negar essa realidade, negando, assim, a nova vida a qual é legado, pois não fora sua escolha ser levado até ali, e, dessa forma, rejeita o que ela passa a ser, ainda enquanto um estágio para outra coisa, mas que se constitui verdadeiramente como sua presente instância do discurso. Como argui Benveniste: “O essencial é, portanto, a relação entre o indicador (de pessoa, de tempo, de lugar, de objeto mostrado, etc.) e a presente instância de discurso.”(PLG I, p. 280) e isso, pois, adensa a ideia de que esse lugar, enquanto constituinte simbólico dessa passagem do personagem e essa volta do seu abismo pessoal, em um momento em que anseia a chegada da próxima fase, de desintegração, leva-nos a entender ainda mais esse espaço como sua instância presente do discurso. Ademais, quanto a isso, vale notar:

Assim, pois, é ao mesmo tempo original e fundamental o fato de que essas formas "pronominais" não remetam à "realidade" nem a posições "objetivas" no espaço ou no tempo, mas à enunciação, cada vez única, que as contém, e reflitam assim o seu próprio emprego." (PLG I, p. 278 - 279, grifos do autor).

Dessa maneira, ao se negar a falar, Silva rejeita o lugar objetivo onde está, ao mesmo tempo em que nega sua posição subjetiva, qual seja: de não pertencer mais a vida e a rotina que até então conhecia, dela guardando apenas suas memórias. Mesmo essa concepção de instância do discurso estando no plano simbólico, ou seja, ainda que não consideremos o referente real que está sendo representado, a posição objetiva desse lar em específico, que é um espaço concreto e construído de cimento e tinta branca nas paredes, nos parece certa a ideia de uma tomada desse local como sua presente instância discursiva, já que ocupa uma posição de destaque no momento presente da enunciação dessa personagem. O sentimento de ira, de uma forma geral, parece surgir a partir de uma não conformidade com aquilo que era esperado de seus filhos, ou que sequer era esperado de uma forma geral. Passamos a averiguar isso em um novo trecho, no qual Silva recebe a família de sua filha e fala, pela primeira vez, de seu filho:

a elisa tentava arranjar assuntos pertinentes, ia dizendo coisas e mais coisas que aborreciam os miúdos e que não precisavam de respostas, depois apresentou-me as saudações do meu filho e os votos para que tudo me corresse bem. desde que o meu filho partiu para a grécia, metido lá para atenas a dar aulas numa universidade, subiu-lhe à cabeça um certo estatuto antigo, ficou de filosofia cara e não o vi nunca mais. tinham passado seguramente três anos sem que ele viesse a portugal e, depois de ter escolhido não vir ao funeral da mãe, era um filho sepultado para mim. o desrespeito pela laura era insuportável e eu não aceitaria nunca que um filho nosso poupasse umas quantas moedas num momento como aquele, ele terá instruído a elisa para as coisas do meu internamento num lar e ficou assim tranquilo para sempre, cumprira a sua parte, eu respondi, se lhe falares, diz-lhe que está tudo muito bem e que vamos morrendo devagar, mais devagar do que parece, o meu genro retorquiou, não diga isso. e eu respondi, queres que diga o quê. os meus netos remexeram-se, certamente nada habituados a ver o bonacheirão do avô zangado, eu não os quis encarar, senti também alguma vergonha, são só umas crianças, pensei, mas depois lembrei-me de que estão ambos crescidos, metidos em estudos superiores e a namorar e tarda nada casam para ter os seus próprios problemas de adultos por inteiro, e assim abri a boca e acrescentei, dizes ao teu irmão que é um

porco, e que das poucas coisas que me dariam gozo nesta vida uma era desfazê-lo à paulada até lhe arrancar a cabeça, dava-lhe tantas naquele focinho que havia de lhe arrancar os lábios, para nunca mais ninguém lhe dizer que tem a boca da mãe, porque ele não tem o direito de ficar com rigorosamente nada da mãe. ouviste, elisa. ouviste, dizes ao teu irmão que se mate, mas que nunca se atreva a aparecer-me aqui. (Mãe, 2016, p. 61 - 62).

Vemos, dessa forma, que Antonio descontenta-se profundamente com seu filho pela forma como este lidou com a morte de sua mãe. Todavia, ainda que o filho não tenha vindo da Grécia para o funeral da mãe, que possamos argumentar que há razão e peso no descontento do pai nesse caso, nada na narrativa nos apresenta quaisquer inferências a mais sobre o caso, não sendo possível saber os motivos desta atitude. Para além disso, não nos importa nem para a narrativa e nem para a análise aqui pretendida esses supostos motivos. O que há, e que nos interessa, é a atitude do narrador. No momento em que instancia esse filho como um “desgarrado”, o qual realiza tal afronta contra sua falecida e amada progenitora, o narrador comete duas incongruências: 1) o que importa para sua falecida esposa, que já não está mais entre nós e, portanto, não configurando um querer ou um desejo, que o filho participe dessa cerimônia? E 2) se este narrador não crê em Deus e diz não possuir religião, porque tanto apego aos costumes e tradições da fé? Assim sendo, nos parece que, se analisarmos o trecho, em realidade não se trata de Laura, mas sim de Antonio. É, pois, pela mesma razão que este se revolta com Elisa, e até mesmo com Laura mais a frente na narrativa — em uma passagem na qual ele estraçalha as flores de seu túmulo, à qual voltaremos em um capítulo futuro de nossa análise —, também o tornando extremamente raivoso sobre a memória de seu filho: a ideia de que seus filhos o colocaram em uma prisão à espera da morte, negando-lhe a vida.

Em “A linguagem e a experiência humana” ([1965] PLG II), Benveniste argumenta que: “Todo homem se coloca em sua individualidade enquanto *eu* por oposição a *tu* e *ele*.” (PLG II, p. 68). Portanto, se pensarmos em termos narrativos, Silva enuncia a si mesmo como incapaz de fazer o que lhe fizeram ao colocá-lo no lar. Sendo assim, se marca como oposto aos seus filhos, ainda que sejam seus entes queridos, parece encarar por um bom tempo o ato desses como uma traição. Como veremos mais adiante neste mesmo capítulo:

não fiquei a sentir piedade alguma da minha filha, queria que se escorraçasse dali infeliz a perceber o quanto me era abominável o seu mundo todo organizado como um percurso de tarefas profissionais, e eu no meio, igual a ser preciso tratar da empregada de limpeza ou pagar as contas da luz ou, claro, saber se os miúdos

estavam educadamente na escola, apenas mais uma tarefa [...] (Mãe, 2016, p. 63 - 64).

Mesmo que seja sua filha e, até onde sabemos, única parente viva disposta a lhe prestar alguma forma de afeto e cuidado, este pai quer puni-la pela sua escolha. Declarada sua traição, ao removê-lo da vida real, essa filha parece ser alvo de suas maiores revoltas. Parece-nos que, de alguma maneira, o contato com Elisa guarda para o narrador a lembrança de uma vida a qual ele não mais pertence. Como se suas visitas lhe lembrassem sempre da impossibilidade deste voltar a fazer parte do mundo como antes o conhecia, de estar com sua família e com sua esposa a lhe fazer companhia. Uma vez mais, parece-nos que a revolta é por si e não por Laura, que provavelmente quereria o mesmo que os filhos queriam para o pai. No entanto, ele não deixa de se sentir como mais uma tarefa na vida de sua filha, uma que mal a tira de seu trajeto e pela qual não fariam-se curvas. Dessa maneira, Silva se vê e, mais importante que isso, se enuncia ou se marca, como estando em apenas mais uma passagem no meio do caminho: um terminal de metrô abandonado, um último estágio antes de tomar o trem definitivo para sua última estação.

Na mesma medida, se pensarmos na identidade construída por Silva através de suas memórias, resgatando a teoria bergsoniana, a *imagem-memória* — aquela que está impregnada com a mediação de seu observador, com as impressões e crenças a respeito de um determinado acontecimento — do narrador constitui seus filhos como virtualmente incapazes de algo que vai contra aquilo que ele concebeu em seu imaginário para eles; da mesma maneira que quase todas as pessoas são incapazes de imaginar determinados atos de um imaginário que constrói-se a cerca de determinados indivíduos. Deste modo, em oposição a esses, Silva constitui-se como moralmente superior na narrativa de suas memórias, pois não identifica-se com as atitudes dos filhos.

Isso posto, pensamos nas memórias e na relação que este pai guarda com seus filhos. Dado o trauma da perda, vemos uma espécie de negação de sua identidade até então construída. Como que em um impulso de negar a morte e o fim, Silva nega-se a sua própria existência como a conhecia. Porém, ainda que revolte-se contra aqueles em seu caminho, são justamente essas memórias que se interpõem em seu percurso que, uma vez mais, constituem sua subjetividade:

o américo chegou ao pé de nós, dobrou-se sobre o meu ouvido e disse-me, a sua filha está a chorar no gabinete do doutor bernardo. está sozinha, senhor silva, não

consegue ir-se embora, levantei-me, fui ao gabinete do doutor bernardo e vi a minha elisa aterrada como ficava desde pequenina quando as situações eram maiores do que o seu pensamento e o seu coração não sabia como parar de sofrer, abracei-a e beijei-a, precisava ainda de mim aquela mulher de quarenta e nove anos. era ainda pequena, como acho que somos todos nós para as coisas mais tristes, o doutor bernardo deixou-nos sozinhos mas eu não quis mais conversar, quis só que ela ficasse com aquela espécie de breve perdão [...] fazia-me lembrar de quando a elisa andava de balouço e pedia que a empurrássemos para ir mais veloz e mais alto. e eu fazia-o também divertido com ela. pois, naquele dia, aquele abraço e aquele beijo eram um só único empurrão, significava que queria que ainda vivesse com alguma alegria e fosse ainda mais alto. (Mãe, 2016, p. 67 - 68, grifos do autor).

Vemos, no trecho supracitado, como o conflito de gerações é apaziguado por Silva resgatando uma função que definiu, por boa parte de sua vida, sua personalidade: a paternidade. Contudo, no momento em que ele é enviado ao asilo, pode-se pensar que há uma ruptura fundamental nessa relação. Como Benjamin discute em “Experiência e pobreza” (1933):

Pobreza de experiência: não se deve imaginar que os homens aspirem a novas experiências. Não, eles aspiram a libertar-se de toda experiência, aspiram a um mundo em que possam ostentar tão pura e tão claramente sua pobreza externa e interna, que algo de decente possa resultar disso. (Benjamin, 1996, p. 118).

Tomando essa ideia e aplicando-a à narrativa, pensamos que, naturalmente, Elisa e Ricardo não compactuam com a visão antiquada do pai sobre cuidar de nossos criadores durante a velhice. Benjamin argumenta que os homens “devoram” a cultura e os próprios homens. Podemos ler aqueles primeiros “homens” como os criadores criativos, ou ainda, em outro espectro, os magnatas e oligarcas. Contudo, o ponto central da discussão do autor é o conforto que as criações que superam o real, tanto a técnica como a natureza, proporcionam aos espectadores. Isso pois:

[...] as pessoas, fatigadas com as complicações infinitas da vida diária e que veem o objetivo da vida apenas como o mais remoto ponto de fuga numa interminável perspectiva de meios, surge uma existência que se basta a si mesma [...]” (Benjamin, 1996, p. 119).

Portanto, ao rejeitar a cultura arcaica de abdicação do próprio tempo em prol de cuidar e subsidiar uma outra existência, a filha de Antonio somente busca o seu “sonho”, a realização pessoal, ainda que sem o abandono desse ente querido. Isso, porque relegar a incumbência de subsidiar a vida de seu pai, para deixá-lo, então, aos cuidados de profissionais especializados e capazes — e que, conforme vemos na narrativa, cuidam muito bem destes idosos —, torna esse “abandono” tão somente em um ato de cuidado e amor, mesmo que este último não seja o romântico com o qual estamos rotineiramente acostumados. A rotina do asilo é o que possibilita à Silva se inserir novamente na vida em sociedade, com os seus pares, cujas experiências guardam uma semelhança muito maior com as do narrador do que com as de seus filhos.

Este pai, em consonância ao texto supracitado, parece, em situação análoga a um primeiro momento de proposição da reflexão de Benjamin, indagar-se em suas revoltas:

Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência? (Benjamin, 1996, p. 114).

Pois o que esses jovens sabem da vida? Que experiência os orienta a lhe abandonarem no asilo? Para este narrador a manifestação da ira de seu luto, de sua revolta ao esquecimento, são advindas da contradição própria da vida. Seus filhos, ao que podemos pensar, ou pelo menos Elisa, ainda zelam por seu pai. Não sabemos da relação que existia antes, entre ele, Laura e Ricardo. Mas, ao que tudo indica, este já não visitava mais o país dos pais desde sua partida para a Grécia. Não podemos nada mais além de supor que seria difícil para ele regressar para o velório da mãe, ou que não se importava, ou ainda que não possuía dinheiro para tal, mas o foco recai sobre Elisa e Silva. A filha ainda visita o pai. Ainda o quer como pai, mas esse que parece não a querer como filha.

Isto posto, vemos como são as reinterpretações e reminiscências de suas memórias que lhe atualizam na narrativa, que lhe movem adiante. É na relação afetiva e significativa que guarda com Elisa, através das memórias da infância dela, que esse narrador resgata aquele antigo sentido de sua vida. Da mesma maneira que perdoa sua filha, perdoa seu filho em um trecho mais adiante no livro. Ainda, como podemos ver na seguinte passagem, é

possível notar esse processo de mediação das memórias e re-significação do ocorrido mais cedo, naquele mesmo dia, no Feliz Idade devido ao encontro com as visitas:

eu não poderia contribuir para um sofrimento demasiado grande da minha filha, e também a raiva que me aquecera contra o meu filho havia de ser em boa parte uma combustão exagerada de gestos que nunca teria, era da infelicidade tão grande e de estar tão magoado, tão perplexo com o que é uma família, afinal, eu fiquei com aquele dia atravessado no peito, cheio de ideias confusas que me punham ainda a proteger as minhas crias, mas só depois de as ter desprezado e atirado para os perigos que, instintivamente, acreditava eu, haveriam de os amadurecer e fazer compreender o que seria certo ou errado no lugar que ocupavam entre mim e a lura. pobre lura, a que mais perdeu, perdeu até o direito de opinar, de se revoltar, de ser ela a gritar obrigando as crias a entenderem o erro que cometiam e o quanto isso estava para lá do nosso sonhado mundo, sonhar um mundo é correr riscos ainda maiores, é ser-se ambicioso perante o que já é impossível. (Mãe, 2016, p. 68).

Então, como vemos no referido trecho, Silva cria uma significação para si através dos encontros do dia, entendendo-se ainda como necessário na vida de sua filha. Mesmo que esta já estivesse uma mulher feita com seus 49 anos, o personagem ainda encontra os ecos de sua relação com ela nas memórias de infância. Aqui, para ele, em uma construção paralela com uma antiga memória de infância, o pai atribui sentido ao seu destempero frente à decisão dos filhos como uma espécie de lição. Paralelamente a isso, no texto “Da subjetividade da linguagem” ([1958] PLG I), Benveniste atribui justamente à instância do discurso a característica fundamental que define o *eu* enquanto sujeito único e real:

A que, então, se refere o *eu*? A algo de muito singular, que é exclusivamente lingüístico: *eu* se refere ao ato de discurso individual no qual é pronunciado, e lhe designa o locutor. É um termo que não pode ser identificado a não ser dentro do que, noutro passo, chamamos uma instância de discurso, e que só tem referência atual. A realidade à qual ele remete é a realidade do discurso. É na instância de discurso na qual *eu* designa o locutor que este se enuncia como "sujeito". É portanto verdade ao pé da letra que o fundamento da subjetividade está no exercício da língua. Se quisermos refletir bem sobre isso, veremos que não há outro testemunho objetivo da identidade do sujeito que não seja o que ele dá assim, ele mesmo sobre si mesmo. (PLG I, p. 288).

Consequentemente, é somente pelo que Silva atribui a sua própria história e memórias que constitui sua própria identidade. Esse *eu* só existe enquanto um *eu* no momento em que Silva confere significação e preenche tal significante/pronome. Esse é, portanto, o processo de cunhar o *eu* a partir do subjetivo, a partir de um percurso de memórias todas impregnadas e sob a égide da experiência pessoal deste narrador.

Ao longo de toda narrativa, vemos retornos cada vez menos frequentes à estrutura familiar inicial de Antonio Silva. Parece-nos que a presença dessa estrutura familiar inicial passa a ser menos importante para a personagem ao longo da narrativa, conforme a dor causada por sua ausência é cada vez menos presente no seu cotidiano. Em certo ponto da vida de Antonio sua família passou a ser traço fundamental de sua personalidade e identidade: ele passou a viver para ela. Porém, nos parece que, na realidade, era a família que vivia para ele. Quando perde Laura, o narrador aprende, aos poucos, a viver sem esta estrutura, à medida que vai se re-imaginando enquanto pessoa. Contudo, ainda que menos presentes nas páginas, a queda da estrutura familiar e o conflito suscitado pelo choque da perda de sua mulher e pelo “abandono” de seus filhos guarda, na obra, uma significação muito potente do eu-lírico com sua “história” — aqui entendida como a série de acontecimentos congelados no transcurso do tempo crônico (Linguagem e experiência humana, [1965], PLG II, p. 71). Assim, quando aquele presente a iminência da destruição definitiva desta sua memória, o desconhecimento e a ausência se fazem sentir pelo seu pavor e dor, que nos desvelam, na verdade, uma perda de identidade:

eu queria mesmo era ir ao cemitério, não sei, ver como aquilo é afinal, não é que não saiba, mas não sei como é depois de lá ter a minha laura. ele levou a mão ao meu ombro, eu sei que ali só estão as pedras, a terra e os bichos que desfazem tudo, mas sinto o estranho medo de pensar que vou encontrá-la, vou encontrá-la fisicamente, quem sabe já desfigurada como um monstro irreconhecível num livro de terror, como se se tivessem esquecido de a cobrir com a terra, porque a sua morte me aterroriza, não passa, américo, não passa, a morte dela não passa [...] (Mãe, 2016, p. 90 - 91).

Em última análise, o pavor e a dor sentidos por Silva a respeito da perda de Laura, retratados no trecho acima pelo terror de encontrá-la desfigurada sobre a terra do cemitério, são, na verdade, aversões e medos que o próprio personagem guarda em relação à morte. Em grande parte da narrativa, é possível ver esse personagem falando sobre seu desejo de morrer e que não vê mais sentido em uma vida sem sua companheira. Entretanto, sua revolta é contra

a perda e mudança fundamental e basilar de sua identidade: para ele, sua família ditava muito de quem ele era e foi. Encontrava justificativa de seus atos e força motriz de seus intentos na condição de marido de Laura e pai de Elisa e Ricardo. Por conseguinte, quando se vê arrancado dessa condição, transplantado a sua nova realidade, na qual deveria buscar um sentido para vida em si mesmo, Antonio perde por completo seu compasso e seu chão. Se vê essa ideia confirmada no seguinte trecho:

não creio que algum dia tenha sido suficientemente amigo de alguém, fui sempre um homem de família, para a família, e o meu raio de acção esgotava-se essencialmente na minha mulher, nos meus filhos, e nos meus pais enquanto foram vivos, mas os que não tinham o meu sangue estariam sempre desclassificados no concurso tão rigoroso dos meus sentimentos [...] (Mãe, 2016, p. 182).

Desta maneira, lhe é estranho e avesso, à forma como se enxergava e enxergava seu papel na vida, que ele fizesse e cultivasse laços novos que não os construídos pelo sangue de sua família. Assim, nos parece que a memória construída e reconstruída aqui, no percurso desta narrativa, contribui para uma chave de leitura de duas famílias para este personagem: a primeira, aquela possível à luz do regime militar, no qual Silva constituiu sua família de sangue, e das inseguranças e medos que esse despertava nos cidadãos; e a segunda, a família improvável das amizades que constrói naqueles que julgou serem a hora extra dos seus anos de vida, onde jamais julgava ser possível brotar tal coisa como laços de amizade neste terreno quase estéril de qualquer coisa.

CAPÍTULO II - PÁTRIA E MEMÓRIA

A memória, claro, ela se confunde um pouco com a imaginação.
Você se lembra de coisas que, na verdade, você não viveu, você imaginou.

(Chico Buarque)

Como já abordado e explorado no primeiro capítulo, a memória tem um aspecto de ficção em si. Como veremos de forma mais detida neste segundo capítulo, existe sempre um índice de subjetividade no ato de rememorar em um momento presente e posterior à consumação de determinado fato concreto, de resgatar um acontecimento. Dessa maneira, para ilustrar esses aspectos próprios das lembranças, iremos nos inserir na narrativa de VHM por meio de dois momentos fundamentais nos quais o protagonista resgata um momento particular de seu passado. Visando abordar outro tema transversal que compõe esta história, iremos nos ater à relação que, seguida da inicial base familiar da personagem, seguramente marca e define muito de quem Silva é e de como se enxerga: sua relação com a pátria, principalmente com relação à ditadura salazarista.

Ainda, vale ressaltar um importante elemento formal e estrutural do livro de VHM e que está refletido aqui neste trabalho. No livro, o autor constrói, no capítulo dezessete do seu livro, que leva o nome desse, o menor de todos seus capítulos. Com apenas duas páginas, “a máquina de fazer espanhóis” é o relato mais breve da narrativa, não agregando aspectos significativos à história. Assim, para refletir esse aspecto, optamos por fazer do presente capítulo deste trabalho também o menor em extensão de páginas, pois acreditamos que os elementos referentes à pátria e a identidade construídas por Silva estão, em realidade, expressos em outras instâncias da narrativa, que não a relação expressa com a pátria. Podemos notar, portanto, suas ações frente a sua família bem mais fortemente marcadas por esse contato com um regime autoritário, ou ainda para com os seus amigos, os quais não teve até certo ponto da vida.

Para construir esta análise, dois conceitos tiveram especial lugar. Primeiramente, os conceitos de tempo abordados por Benveniste em “Linguagem e experiência humana” ([1965] PLG II) tiveram papel central nessa construção. Isso pois, como veremos, há uma grande diferença no pensar no tempo dos acontecimentos, os fatos transcorridos em nosso cotidiano, e no ato de resgatar esses momentos em um tempo posterior, por conta, principalmente, do aspecto presente da fala e da enunciação, que acontece e se realiza no momento de sua produção: sempre um agora. Além dessas reflexões, também aproximamos à

discussão os pensamentos traçados por Walter Benjamin em “Sobre o conceito da história” (1940). No texto, produzido às vésperas da segunda grande guerra mundial, o autor elabora uma interessante reflexão sobre a construção que é feita da história, quem realiza essa reflexão e como historiadores devem ou podem se debruçar sobre ela. Os conceitos aqui abordados tornam-se extremamente relevantes quando situados dentro de uma construção particular, a vida desta personagem: a construção pessoal e subjetiva do que ele acredita ser sua história nos revela aspectos interessantes acerca de como a memória e essa narrativa subjetiva, e interna a todos nós, pode se comportar.

Este capítulo volta-se, portanto, ao que entendemos ser o grande trauma da vida do narrador-personagem. Ainda que o pontapé inicial desta narrativa e da jornada de transformações interiores pelas quais Silva passa seja a perda de Laura e o afastamento de sua estrutura primária, a família, vemos, ao longo da trama, que há um acontecimento basilar na constituição de como essa personagem se vê e se percebe no mundo. Durante grande parte de sua vida adulta e quase todo tempo em que a família de Silva crescia e se desenvolvia, Portugal esteve sob o jugo de uma ditadura fascista: o governo de António de Oliveira Salazar. Por meio de recordações importantes ao longo da trama, podemos perceber como Silva se ressentia de não ter, de alguma forma, agido contra a repressão e violência exercidas por esta ditadura, que, conforme o próprio, deixava a sociedade “apodrecendo sob aquele tecido de famílias de bem” (Mãe, 2016, p. 146). Por isso, como mais uma peça deste complicado quebra-cabeças que é a memória que constitui a personalidade dessa personagem e a deixa intrincada em um passado já há muito distante, sua relação de observância passiva à norma estabelecida e obediente às condutas impostas pelo regime lhe legou profundas chagas e arrependimentos, com os quais Silva reluta até hoje.

Em nossa leitura da obra, os episódios vividos pela personagem durante a ditadura sempre emergem na forma de revoltas ou tristezas, com as quais ela se resigna por suas limitações e se culpa pela sua incapacidade de ter agido diferente. Um exemplo que ilustra essa configuração formal da narrativa, por assim dizer, são os dois trechos fundamentais que ilustram a relação de Silva com o regime ditatorial de Salazar e aos quais vamos nos ater na presente análise. Depois do capítulo onze, “o esteves a transbordar metafísica”, temos o capítulo que nos apresenta a primeira passagem que nos interessa à análise aqui: o encontro de Silva, em 1967, com um jovem comunista que fazia atos de resistência ao regime. Se analisarmos em que momento da narrativa esta memória é inserida, podemos perceber que vinha de um ótimo ponto alto e de felicidade na história. Esteves, um dos grandes amigos de Silva, comemora seus 100 anos no asilo, festa que comove e agita o grupo de amigos do

narrador-personagem. Já no capítulo seguinte, onde são introduzidas, pela primeira vez, as memórias da ditadura e do que nos parece ser o maior arrependimento de Antonio, o clima geral é de uma estabilidade no humor dessa personagem e uma aceitação dessa nova vida. Feita essa introdução, passemos à análise:

terça-feira, dia cinco de setembro de mil novecentos e sessenta e sete. uns minutos antes de fechar a barbearia, já a luz apagada e o chão varrido, um homem assustado entrou por ali adentro e fitou-me, eu podia ter reagido de todas as maneiras, podia ter pensado que me assaltaria, que me mataria, que era dos maus. se uns seriam bons, outros teriam de ser maus, era tão linear o pensamento vendido aos portugueses, mas o homem também não parecia saber o que fazer ou dizer, fitava-me ofegante, o olhar aterrado de quem fugia [...] eu olhei para aquele homem que ali se pôs diante de mim, emudecido de medo, e indiquei-lhe o compartimento interior da barbearia, onde arrumava vassouras e panos velhos, baldes e outras tralhas, o homem imediatamente entrou e ali se agachou calado a fazer silêncio [...] (Mãe, 2016, p. 143).

Como podemos ver no trecho acima, Silva depara-se com esse homem, fugitivo do regime, e o esconde em sua barbearia. Este momento, durante a leitura e sem o conhecimento do restante da narrativa, se apresenta para nós como um dos grandes feitos da personagem, pois constitui seu grande ato de rebelião contra Salazar, uma pequena desobediência que nos indica uma subversão contra o Estado que tanto oprimia seus cidadãos. Contudo, quando analisamos o momento narrativo em que essa memória se insere, podemos ver que Silva estava, de uma maneira, quase contente com sua atual situação. Afinal, conhecera Esteves sem a metafísica do próprio Fernando Pessoa e o contemplara transbordando dessa metafísica. Assim, deslocando uma observação de Benjamin em “Sobre o conceito de história” (1940):

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “como ele de fato foi”. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo. (Benjamin, 1996, p. 224).

A reflexão trazida por Benjamin torna-se importante dentro de nossa análise à medida que propomo-nos a pensar nessa narrativa interna como algo volátil e extremamente modificável. Mesmo que o autor situe sua discussão em torno dos estudos da história da humanidade de uma forma geral, podemos deslocar sua análise para a história que o

protagonista articula sobre si mesmo dentro da narrativa, já que esta, assim como aquela, é formada e se organiza em um momento posterior e em virtude de estímulos que extrapolam os acontecimentos isolados das ações que serão recordadas. Deste modo, ainda que referindo-se a uma ideia de história universal, o conceito supracitado pode ser aplicado à “história” individual, ou seja, à narrativa que elaboramos através de nossas memórias. Desse jeito, articular historicamente o passado, no caso desta lembrança de Silva, pressupõem a existência de uma espécie de “raciocínio motivado” que impele o ato de rememorar. Essa memória, portanto, assim como aponta Benjamin, não é senão uma reminiscência, uma imagem lembrada do passado, na qual incidiram as subjetividades do indivíduo neste momento no qual aconteceu a ação e sobre a qual incidem as articulações presentes do indivíduo que relembra. Dessa maneira, tal lembrança torna-se vaga ou incompleta, ou, ainda, completa por articulações posteriores ou irreais do sujeito. Como vemos em “Linguagem e experiência humana” ([1965] PLG II), a rememoração guarda em si um índice atual e sempre presente: “O locutor situa como “presente” tudo que aí está implicado em virtude da forma linguística que ele emprega. Este presente é reinventado a cada vez que um homem fala porque é, literalmente, um momento novo, ainda não vivido.” (*Ibid.*, p. 75). Sendo assim, essa articulação nos mostra como voltar ao passado, resgatando algo que ocorreu em um momento já extinto, carrega sempre um aspecto do momento presente em que nos encontramos, pois se realiza tão somente no espaço da linguagem, a qual tem em si uma natureza presente do tempo linguístico.

No mesmo capítulo, Silva constrói-se, por meio do relato de suas memórias, como alguém muito descontente com o regime. Apresenta-se para o leitor como uma pessoa que queria muito agir contra este Estado, mas que não o fazia pela segurança de sua mulher e filhos:

[...] haveríamos de apreciar a poesia, o folclore e uns fados, haveríamos de ter passeios aos domingos e brincar com os miúdos a crescerem e era assim a nossa vida, sem beliscar os tubarões que nos podiam ferrar, eu, apaixonado, enternecia-me com ela e deixava-me ficar porque também lhe reconhecia prudência, uma sabedoria que vinha da família, de colocar a família no centro das coisas, eu deixava que a sociedade fosse apodrecendo sob aquele tecido de famílias de bem [...] (Mãe, 2016, p. 146).

Até este momento da narrativa, o leitor é levado a crer que essa personagem em nada deixava-se dominar pela ideologia fascista do Estado. Dessa maneira, ele se constitui e

organiza sua narrativa interna em conformidade com uma ideia de opositor ao governo salazarista. Como fica evidente mais adiante neste capítulo, Silva retorna à barbearia e sela seu maior ato de rebeldia contra o Estado: abrigar um opositor do governo:

[...] eu disse, bom dia. cumprimentei com um bom dia um criminoso do regime e selava daquela maneira um crime que cometia eu também, eu ajudava o diabo, claro que estava aterrado, mas, ao menos uma vez, ao menos ali, pudesse eu estar para além da merda de homem amorfo que fora e superar as minhas expectativas, levar um pouco adiante um orgulho de ser mais do que português, ser pelos portugueses, ser pelas pessoas, por todas as pessoas que tinham naturalmente todas as maneiras de pensar e só assim devia ser. (Mãe, 2016, p. 147).

Como veremos no restante da narrativa, o personagem, que descreve-se em algumas passagens como “apenas um barbeiro”, desenvolve uma relação próxima com o jovem que abrigou em sua barbearia. Esse rapaz passa a frequentar o seu estabelecimento, discutindo ideias contrárias ao governo com seu “salvador”. Entretanto, em momento algum o narrador permite que o rapaz traga algo que possa incriminá-los para a barbearia. Portanto, para Silva, ajudar esse jovem era como se estivesse lutando contra a ditadura:

talvez tenha salvo a vida àquele rapaz, vi-o depois muitas vezes, a fazer-se doutor, mais prudente na resistência à polícia criminosa, vinha por ali cortar o cabelo e, quando podia, enchia-me a cabeça de propaganda antifascista, eu proibira-o de ali pôr os pés com algum panfleto ou folheto ou livro ou o que fosse que o incriminasse ou me incriminasse a mim. era uma covardia típica da laura, para pensar nos filhos e no futuro, ele obedecia escrupulosamente, profundamente agradecido pelo meu gesto. (Mãe, 2016, p. 148 - 149, grifos do autor).

Assim, ele praticamente deixa recair a culpa de sua obediência silenciosa ao governo nefasto de Salazar em sua esposa e filhos. Além disso, quando, no trecho acima, Silva diz: “talvez tenha salvo a vida àquele rapaz” nos planta uma dúvida pela escolha lexical: por que talvez? Ora, se Silva escondeu o rapaz e viu-o várias vezes depois, não haveria dúvida que teria salvo sua vida. Evidentemente, a ação do narrador evitou que os policiais prendessem o jovem. Por conseguinte, já que esse era, com toda certeza, contrário ao governo, sua ação salvou o rapaz. Voltaremos a essa questão mais além, no próximo trecho do livro a ser analisado.

Para falarmos propriamente do ponto central de nossa análise neste capítulo, vale trazeremos a distinção que Benveniste aponta existir entre o tempo como o percebemos e como o organizamos. Em “Linguagem e experiência humana” ([1965] PLG II), o autor define características próprias do tempo e de como nós nos relacionamos com ele. Enquanto desenvolve sua reflexão, ele aponta a existência de um tempo estipulado pela humanidade, o qual é o objetivo da organização proposta dos acontecimentos de nossa vida cotidiana. Logo, esse tempo proposto unifica as ações passadas e terminadas em uma “série de blocos distintos”, os quais organizam os momentos de nossa vida (seja a história individual ou a coletiva). Um exemplo dessa organização são os calendários. Esse tempo, como ilustra o autor, não pode voltar:

Nosso tempo vivido corre sem fim e sem retorno, é esta a experiência comum. Não reencontramos jamais nossa infância, nem o ontem, nem o instante que acaba de passar. Nossa vida tem portanto pontos de referência que situamos exatamente numa escala reconhecida por todos, e aos quais ligamos nosso passado imediato ou longínquo. (PLG II, p. 71).

Estes acontecimentos do tempo crônico, portanto, só podem ser acessados através da memória, à exceção de recursos que “conservem”, em alguma medida, os acontecimentos (fotos ou vídeos). Então, quem os resgata, por meio da memória, o faz pela reminiscência, ou seja, pelo resgate de partes dessa história. Dessa maneira, há sempre uma motivação por trás do resgate desses acontecimentos, há sempre algo que orienta a forma como reconstruímos esse momento. Tal rememoração, feita sempre de maneira *a posteriori* do ocorrido, acontece no que o autor chama de tempo linguístico, que se configura como uma significação presente daquilo que foi, pois o tempo linguístico, como argumenta, possui a especificidade de se organizar no presente da fala:

O que o tempo lingüístico tem de singular é o fato de estar organicamente ligado ao exercício da fala, o fato de se definir e de se organizar como função do discurso. Este tempo tem seu centro — um centro ao mesmo tempo gerador e axial — no presente da instância da fala. (PLG II, p. 74).

Destarte, Silva apropria-se deste passado não como de fato foi, mas em função do que agora ele *é* para si — ou pretende ser. Dessa forma, no momento da construção desse tempo linguístico da narrativa, essa personagem pretende se *atualizar* para o leitor como um bom

homem que, na realidade, gostaria de ter lutado contra o fascismo. Desta maneira, quando o narrador retoma essa memória, ele reinventa-se enquanto *eu* na instância do discurso do presente da enunciação, pois, como vimos anteriormente, tal presente representa o novo, ainda não experienciado. Por isso, ao se definir desta forma, ao se lembrar desse aspecto e desse fragmento de sua vida, Silva se constitui como gostaria de ter sido, como gostaria de ter agido: “A língua deve, por necessidade, ordenar o tempo a partir de um eixo, e este é sempre e somente instância de discurso.” (*Ibid.*, p. 75). Essa necessidade da língua de ordenar o tempo a partir de um eixo presente, implica, necessariamente, na incidência da subjetividade do falante sobre aquelas memórias que se organizam no momento presente da enunciação.

Apontadas essas especificidades teóricas, voltemos ao episódio até então analisado. Mais adiante na narrativa, no capítulo dezesseis, Silva se vê em um momento diferente da história. Esteves já havia morrido e seu melhor amigo, Senhor Pereira, estava muito mal de saúde. Após um episódio com Dona Marta — uma das residentes do asilo —, no qual Silva lhe dá um golpe na cabeça com um livro e, mais tarde, ela vem a falecer, o narrador-personagem teme tê-la matado com o impacto. Consequentemente, ele se apresenta diante do leitor de maneira mais fragilizada, deparando-se uma vez mais com a iminência de sua morte, a qual ele já parecia ter esquecido com a convivência e as amizades do asilo. É neste momento, de amargura consigo mesmo, no qual, uma vez mais, encontra-se sem saída frente ao destino inevitável de todos nós, que Silva revela o fim do jovem que abrigou em sua barbearia:

no dia vinte e cinco de setembro de mil novecentos e setenta e um, um sábado, os pides entraram na barbearia às onze horas da manhã e levaram o rapaz, que já era um homem nos seus pequenos trintas, levaram-no sem perguntas, sem confusão [...] o jovem homem levantou-se como se soubesse que um dia aquilo viria a acontecer, não poderia ter a certeza de que eu o entregara, não poderia ter a certeza de que eu o tivesse feito, a resistência era tão longa, e tantas as pontas deixadas de fora, que qualquer coisa, muita coisa, poderia ter servido para o detectarem no meio dos milhões de cidadãos, saiu protegendo-me, não revelou qualquer compaixão ou ligação à minha pessoa, não proferiu o meu nome nem pediu nada. deixou-se levar como se fosse um desconhecido que ali entrava sem outro fito além daquele de cortar o cabelo, eu entregara-o três dias antes. (Mãe, 2016, p. 185 - 186, grifos do autor).

Agora, em um movimento comum nos estados depressivos onde a linha de humor eutímico baixa para uma configuração hipotímica — de tristeza e depressão —, Silva parece

querer se destruir perante o leitor, quase como o “homem do subsolo” de Dostoiévski. Dessa forma, ele parece se punir pelos fantasmas de seu passado, invocados pela morte de Marta — que na sua perspectiva é sua responsabilidade — e pelo estado debilitado de seu novo amigo, que resgata a imagem da traição que ele havia cometido para com a pessoa que esteve mais próxima de ser um amigo para Silva: o jovem comunista.

Não é uma coincidência, ainda, que o capítulo dezesseis, que se segue à exposição de Silva sobre a delação do jovem à polícia, se chame “a memória selectiva”. Isso, pois, nesse capítulo, o marido de Laura admite, para si mesmo e para o leitor, que sabe o fim que aquele jovem levou. Admite, portanto, que este perecera nas mãos do regime, que jamais deixaria um opositor vivo e livre:

não voltei a ver o jovem homem que entreguei à polícia política, posso, agora de velho, pensar melhor nisso e ponderar tragicamente o seu homicídio, um homem daqueles não era de desaparecer se estivesse vivo. apenas a morte o tiraria dos destinos democráticos do país. sei bem agora que o entreguei completamente, sem retorno e, se não senti culpa nem remorso, foi porque a vida era assim, feita para ser assim e eu e a minha laura vivemo-la linearmente, com um juízo de cada vez. (Mãe, 2016, p. 193).

Ademais, é possível perceber que essa história, o fim trágico do rapaz, ressurgiu em dois momentos diferentes na narrativa. Ela aparece como uma confissão no capítulo quinze e volta a ser abordada com detalhes ao longo do capítulo dezesseis. Assim, pensamos que esta se configure como um dos grandes traumas da vida de Antonio Silva, intrincada no cerne da violência e coerção que a ditadura salazarista impunha à seus cidadãos. Por conseguinte, quando entrelaçamos essa ideia às reflexões de Benjamin em “Sobre o conceito de história” (1940), estabelecemos essa memória como uma mônada constitutiva da personalidade de Silva:

A história universal não tem qualquer armação teórica. Seu procedimento é aditivo. Ela utiliza a massa dos fatos, para com eles preencher o tempo homogêneo e vazio. Ao contrário, a historiografia marxista tem em sua base um princípio construtivo. Pensar não inclui apenas o movimento das ideias, mas também sua imobilização. Quando o pensamento pára, bruscamente, numa configuração saturada de tensões, ele lhes comunica um choque, através do qual essa configuração se cristaliza enquanto mônada. (Benjamin, 1996, p. 231).

Portanto, o pensamento, carregado de tensões advindas dessa época da ditadura, paralisa-se e se converte em um alicerce fundamental para a construção da personalidade desta personagem, que se entende como covarde, incapaz e “apenas um barbeiro” (Mãe, 2016, p. 186) que não precisava de coisas como amizade. A mônada, a qual alude Benjamin, é um conceito chave na teoria filosófica de Leibniz. Nesse pensamento, traduz-se mônada como algo “simples”, “único” e “fundamental”, e que, portanto, compõe algo maior, mais complexo, que, por sua vez, tem, na mônada, sua unidade primordial, a qual não pode ser subtraída do todo e nem destruída. Sob esse viés, é importante enxergar os eventos da ditadura como o trauma não lidado do narrador-personagem, que se vê sem poder acreditar e confiar em outras pessoas, e, quando o faz, vê-se prestes a perdê-las todas de novo, da mesma forma que perdera Laura.

É importante termos em conta também que o passado é o tempo pelo qual guardamos nossas mais saudosas glórias e nossas infindáveis amarguras. O nosso passado, por ser esse tempo extinto, do qual participamos e que, por isso, guardamos um profundo senso de conexão e pertencimento, sem o qual não seria possível a constituição de nosso presente, é o momento com o qual sentimos mais vínculo. Nossa existência, se assim pensarmos, emana e é própria do passado pelo qual passamos. Já o futuro é o tempo para onde nos encaminhamos, mas é a realidade material que jamais poderemos alcançar. Isso, por si só, nos diz que este é o espaço do irreal, das abstrações, dos desejos e das fantasias. O presente, por sua vez, é o tempo onde todas as variáveis se concretizam, na instância presente, pois é, ao fim e ao cabo, o tempo concreto e real, no qual sempre estamos.

Entre os atributos mais surpreendentes da alma humana", diz Lotze, "está, ao lado de tanto egoísmo individual, uma ausência geral de inveja de cada presente com relação a seu futuro". Essa reflexão conduz-nos a pensar que nossa imagem da felicidade é totalmente marcada pela época que nos foi atribuída pelo curso da nossa existência. A felicidade capaz de suscitar nossa inveja está toda, inteira, no ar que respiramos, nos homens com os quais poderíamos ter conversado, e nas mulheres que poderíamos ter possuído. Em outras palavras, a imagem da felicidade está indissolúvelmente ligada à da salvação. O mesmo ocorre com a imagem do passado, que a história transforma em coisa sua. O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? (Benjamin, p. 222 - 221).

Portanto, é do passado que sopra este vento que nos impele à salvação, à felicidade que conhecemos e que foi atribuída aos episódios que já vivemos. Muito dessa relação, dessa construção psíquica que forma nossas memórias, é o que traz e aprofunda a dor do luto. É essa construção, do emaranhado de memórias e experiências que constrói o *eu*, de onde nascem as angústias e melancolias. É no embate com a nova configuração, em choque e oposição à rotina anterior, que Silva tenta se encontrar e produzir uma síntese desse seu *eu*. Logo, é do passado, por consequência, de onde Silva resgata seus fragmentos, que também são evocados os momentos que lhe trazem arrependimentos e o mantém, ainda, preso a essa antiga vida, que não existe mais.

CAPÍTULO III - MEMÓRIA E MORTE

We are such stuff, As dreams are made on; and our little life
Is rounded with a sleep.
(*The Tempest*, William Shakespeare)

Para fecharmos os capítulos de análise do livro, o desenvolvimento da presente pesquisa propriamente, chegamos à última esfera desta construção temática que constitui a obra de VHM. Dentre todas as temáticas até aqui analisadas, esta se apresenta como a primeira e a última presentes na narrativa. Ainda que outras também apareçam atreladas e mescladas a ela, a presença da morte é, sem dúvidas, a mais contundente para nós nessa narrativa. Assim, para adensarmos a investigação de como este eixo está inserido, representado e tratado no livro, iremos analisar diferentes trechos, maiores e menores em extensão, que se espalham nos capítulos da narrativa, com vistas a elaborar hipóteses interpretativas acerca dessa presença tão marcante nesta obra.

Para ingressarmos nesta empreitada, que se apresenta como a mais desafiadora da pesquisa, portanto a mais extensa também, começamos por traçar alguns apontamentos a respeito da teoria subjacente à análise: os textos teóricos que irão subsidiar nossa investigação, trazendo o porquê da escolha e os conceitos que utilizaremos neste recorte. Os textos que comporão as análises empregadas neste capítulo são: “Da subjetividade na linguagem” ([1958] PLG I), “A natureza dos pronomes” ([1956] PLG I), na área da linguística; e “Experiência e pobreza (1933), “O narrador” (1936) e “Sobre o conceito da história” (1940), escritos por Walter Benjamin, que volta-se mais propriamente à uma análise literária. Os dois primeiros textos, de Émile Benveniste, interessam a análise fundamentalmente pela natureza reflexiva a respeito do que é *ser*. Em que medida entendemos a afirmação de existência por meio da linguagem, por meio de uma enunciação, e como o locutor se marca no processo de enunciação com base nesses pressupostos. Ainda, paralelo a essas colocações, em que medida e sob que perspectiva podemos entender a construção de uma história, e a que se orienta essa formulação. É importante, ainda, salientarmos as reflexões metalinguísticas a serem construídas aqui, acerca do papel da ficção, seu espaço, seu escopo, e, porque não, ao que ela se dedica. Isso, posto que a morte pode ser entendida como a maior das ficcionalizações, aquela pela qual se elaboram abstrações e toda sorte de significações, dadas as inúmeras religiões existentes e todo tipo de construção ficcional que buscam, de alguma forma, empreender algum sentido específico ou preexistente à vida. Por fim, alguns apontamentos sobre como essa narrativa interna de

memórias constrói-se, com base em *Matéria e memória* (Bergson, 1999), e, articulatoriamente, ao que ela se destina.

Vale, também, uma consideração de outro ponto antes de iniciarmos as análises: a inversão da estrutura que dá título aos capítulos do trabalho. Diferente das demais estruturas, do capítulo I e II, aqui, neste último, optamos por diferenciar sua construção. Tanto no primeiro quanto no segundo capítulo, optamos pela construção sintática: temática, seguida da memória. Ou seja, entendemos que existe uma configuração advinda dessas estruturas, que orienta e predispõe uma certa formação da memória nesta narrativa. No momento que a família passa a existir, as significações advindas dela se constroem nas memórias e nas relações que se seguem daí. Na mesma lógica funciona a pátria, que, por se apresentar à personagem como uma inimiga e uma invasora não confiável, orienta a produção de uma certa ideia de *outro* para Silva, legando traumas e desconfianças deste para com seus pares. Contudo, há uma inversão nessa relação quando olhamos para a presença da morte em sua vida. Como veremos mais adiante nas análises dos trechos selecionados, a morte representa a extinção da memória, ela é a ausência dessa história construída ao longo da vida. Como a epígrafe aqui anotada nos faz refletir, a morte é algo diferente da vida, outra matéria, sendo a ausência de vida, portanto ela é um negativo. O fim, nesse caso, não pode ser representado como uma conclusão, um resultado de um processo, pois todo o processo e qualquer produto cessam de existir no momento da morte. Por conseguinte, ficou claro, para nós, que o fechamento poderia ter somente uma composição: memória e morte, que representa as concepções e construções que existem sobre o inexistente, o vazio, o desconhecido que é a morte e sobre a qual tanto se tenta supor.

andar pelo cemitério é a última coisa de velho a entrar-nos na cabeça. é o que verdadeiramente nos torna velhos sem regresso, diferentes dos outros humanos. afeiçoamo-nos à morte. é como se fôssemos cortejando a confiança dessa desconhecida, para nos encantarmos, quem sabe. ou para percebermos como lhe poderemos escapar ainda. coisas diversas e complementares, porque os nossos sentimentos vão oscilando entre uma necessidade de ultrapassar o impasse do fim da vida, e o trágico de que isso se reveste. [...] tanta cultura e tanta fartura e ao pé da morte a igualdade frustrante e a mesma ciência. sabemos todos rigorosamente uma ignorância semelhante. (Mãe, 2016, p. 114, grifos do autor).

É nesta perspectiva, na perspectiva do desconhecido, do que não se sabe e do que não se pode ninguém saber, que iniciamos nossa análise. No capítulo nove, “o tempo não é

linear”, Silva admite uma postura mais ressignificada ao falar da morte. O narrador, que inicia a narrativa em uma obstinada relutância frente à morte da mulher, agora alude, em sua fala, a uma familiaridade com a morte. Nos parece que, à medida que avançamos narrativamente, e principalmente à medida em que vão se assentando algumas estruturas na vida deste protagonista, passa a operar uma mudança em sua atitude frente aos acontecimentos recentes. A visão de Silva, antes de conformada, é consciente. Isso, pois nenhum humano pode nada frente à morte, frente à “mais organizada das instituições” (Mãe, 2016, p. 190). O peso e a seriedade dessa instituição, quando invocados pelo narrador, nos aludem a outra grande instituição que marcou sua vida, sua história e cujas experiências atravessam a todo momento o discurso dele: a ditadura. A morte é, no fim e ao cabo, como se fosse a ditadura final, pois, assim como esses regimes, ela não dá escolha àqueles sob sua égide, mas, por outro lado, também constitui a maior das democracias — considerando esta como sua contraparte —, pois recai sobre todos, sem escolha ou julgamento, “havia uma morte para cada um” (*Ibid.*, p. 191).

Nessa medida, quando nos voltamos a uma leitura de Benjamin, em “O narrador” (1936), vemos relativas colocações pertinentes a esta nossa discussão. O teórico soma à discussão, apontando a natureza própria das narrativas. Essas possuem, em sua medida, a marca própria do narrador, que tenta, por meio da enunciação de si, transmitir experiências:

A narrativa que durante tanto tempo floresceu num meio de artesanato – no campo, no mar e na cidade-, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro” em si da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida, retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. (Benjamin, 1996, p. 205).

Dessa forma, essas narrativas possuem no seu cerne elementos e propriedades próprias da linguagem, uma vez que são compostas por ela e transmitidas tão somente por meio dela. Benveniste, em “Da subjetividade na linguagem” ([1958] PLG I), argumenta que: “[...] a linguagem, sem dúvida, se encontra de fato assim empregada porque os homens não encontraram um meio melhor nem mesmo tão eficaz para comunicar-se.” (PLG I, p. 284). Portanto, esta não seria a única forma de transmissão de experiências, ainda que a mais eficaz e, como argui o autor posteriormente no texto, a qual todas essas outras formas posteriores imitam em alguma medida.

Quando pensamos nessas narrativas, é inevitável nos depararmos com a ideia de uma narrativa coletiva e, portanto, que essa abarque uma série de narrativas individuais. É dizer: existe um poder próprio das narrativas coletivas, do imaginário de um povo ou dos saberes culturais transmitidos pela experiência da coletividade, que é o de influenciar e intervir, de certa forma, na narrativa de cada um dos indivíduos desse tempo. Sobre a construção da história, Benjamin nos diz o seguinte:

Ora, os que num momento dado dominam são os herdeiros de todos os que venceram antes. A empatia com o vencedor beneficia sempre, portanto, esses dominadores. Isso diz tudo para o materialista histórico. Todos os que até hoje venceram participam do cortejo triunfal, em que os dominadores de hoje espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão. Os despojos são carregados no cortejo, como de praxe. Esses despojos são o que chamamos bens culturais. O materialista histórico os contempla com distanciamento. Pois todos os bens culturais que ele vê têm uma origem sobre a qual ele não pode refletir sem horror. Devem sua existência não somente ao esforço dos grandes gênios que os criaram, como à corvéia anônima dos seus conterrâneos. Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura. Por isso, na medida do possível, o materialista histórico se desvia dela. Considera sua tarefa escovar a história a contrapelo. (Benjamin, 1996, p. 225).

Logo, quando pensamos no caso de Silva, de sua história individual em relação a essa história coletiva, vemos que há uma profunda marca deixada por esta última. No caso do fascismo, e ditaduras de uma maneira geral, existe, senão a morte da narrativa geral, o sequestro desta. Ao nomear o capítulo doze como “a promoção da beleza de ser pobrezinho”, vemos um movimento de enunciar e congregar essa condição existente nas ditaduras:

[...] um mar imenso de famílias de aparências, todas numa lavagem cerebral social que lhes punha o mundo diante dos olhos sublinhado a lápis azul, para melhor vermos o que melhor queriam que apreciássemos, aí as glórias de salazar, eram tão grandes as pontes e longas as estradas, eram tão bonitas as criancinhas a fazerem desporto e a cantarem letrinhas patrióticas, parecíamos um grande cenário de legos, pobrezinhos mas tão lavadinhos por dentro e por fora, a obedecer, divirtam-se, gentes da minha terra, não é desgraça ser pobre [...] (Mãe, 2016, p. 146).

São estes elementos, a lavagem cerebral, a ironia revoltosa — que em realidade nos parece, já que em retrospectiva pela atitude de obediência frente ao regime, uma revolta realmente contra si mesmo e sua incapacidade de agir —, que assinalam marcas da intromissão cultural que tomou lugar no país. As ditaduras se constituem como sequestros de uma narrativa coletiva nacional pois são golpes abruptos, mudanças intempestivas e arbitrarias no imaginário nacional. Sendo assim, se o cortejo dos vencidos ocorre na construção da história, existe um cortejo e um espezinhamento da vida dos cidadãos que estão sob um regime ditatorial. Isso, já que esses têm suas “liberdades narrativas”, sua ingerência sobre uma história individual, cerceados, pois todos perdem em um regime dessa natureza. Não há vencedores nem perdedores, apenas esta figura que tudo decide e sabe, pois há somente uma história sendo contada. Em vista disso, é perceptível que Antonio Silva já experimentara uma morte anteriormente: a morte dessa narrativa coletiva, a interrupção da identidade de seu povo, assim como acontecera com diversas outras ditaduras e regimes totalitários ao longo dos séculos no mundo. Silva sofre a morte prematura de si neste momento, pois se depara com o mais horrível de si mesmo durante esse período, o que marca profundamente sua trajetória para depois disso. Talvez seja por isso seu grande apego a sua família, pois ela dava significado para os atos que tivera que cometer naquele então. Há, prematuramente em sua vida, o que podemos pensar ser a morte de sua estrutura primeira, de sua família, pois, assim como perde Laura, perde os filhos, de uma certa forma. Mesmo que não ocorra de maneira literal, há a interrupção abrupta desta relação e uma primeira sensação de traição.

Em paralelo, no trabalho de Bergson, o autor aponta importantes distinções acerca da memória. Ele argui, primeiramente, que existe uma distinção da natureza da *imagem-lembrança* (p. 89), que são as gravações que se realizam em nossa mente dos acontecimentos como ocorreram, para as relações sistemáticas que elaboramos com base no resgate dessas *imagens-lembranças*. Ele argumenta que:

A lembrança de determinada leitura é uma representação, e não mais que uma representação; diz respeito a uma intuição do espírito que posso, a meu bel-prazer, alongar ou abreviar; eu lhe atribuo uma duração arbitrária: nada me impede de abarcá-la de uma só vez, como num quadro. Ao contrário, a lembrança da lição aprendida, mesmo quando me limito a repetir essa lição interiormente, exige um tempo bem determinado, o mesmo que é necessário para desenvolver um a um, ainda que em imaginação, todos os movimentos de articulação requeridos: portanto

não se trata mais de uma representação, trata-se de uma ação. (Bergson, 1999, p. 87).

Portanto, existe a lembrança como uma representação, ou a leitura que efetuamos de determinado acontecimento, e a lembrança de uma lição. No momento que essa lembrança já está fixada ela se articula com e produz novas significações, que emanam não mais do acontecimento, mas do “espírito” do observador. A lição, enquanto ação, não remonta ao passado, mas é vivida, e portanto existe no presente. Já a leitura é uma representação que se grava. Se puxarmos apenas as representações, elas se orientam a criar novas percepções e novas leituras, pois: “toda percepção prolonga-se em ação nascente; e, à medida que as imagens, uma vez percebidas, se fixam e se alinham nessa memória, os movimentos que as continuam modificam o organismo, criam no corpo disposições novas para agir.” (Bergson, 1999, p. 88). Logo, percebemos a configuração da memória enquanto um sistema que orienta o *eu* ao futuro.

Seguindo nossas reflexões, acreditamos ser importante voltarmos ao elemento próprio da linguagem para elaborarmos a oposição fundamental à morte: a vida, ou o *ser*. Como vimos anteriormente, as narrativas carregam elementos próprios de sua forma articulatória, a linguagem. Dentre esses elementos, dois nos interessam muito para a análise. São eles: o caráter duplo e a subjetividade. A narrativa, enquanto realização de transmissão, ocorre somente quando sua natureza dialógica é atendida, isto é, quando constitui-se uma relação de interlocução daquele que está narrando para com aquele, ou aqueles, que estão recebendo, escutando, lendo, interpretando etc. Já a subjetividade, por sua vez, nos fala de um aspecto inviolável da linguagem, que acontece sem a intenção do falante e indiferente dela. A subjetividade da linguagem, para Benveniste, é entendida como:

[...] a capacidade do locutor para se propor como ‘sujeito’. Define-se não pelo sentimento que cada um experimenta de ser ele mesmo mas como a unidade psíquica que transcende a totalidade das experiências vividas que reúne, e que assegura a permanência da consciência. (Da subjetividade na linguagem, [1958], PLG I, p. 286, grifos do autor).

Dessa maneira, se pensamos na subjetividade, ela marca a determinação do *ser* em oposição ao não ser. A capacidade de se propor como um *eu*, que, como vimos anteriormente, é sempre presente e atualizado, pois cada vez que reveste esse signo de pessoa o faz de um ponto determinado, com referência e sentido somente na instância presente do discurso, é o

que define esse próprio eu: “[...] a linguagem ensina a própria definição do homem.” (Da subjetividade na linguagem, [1958], PLG I, p. 286). É pela linguagem e por meio dela que o sujeito existe, entende e age no mundo. Além disso, a subjetividade produz na linguagem outro efeito fundamental, o qual é refletido nas narrativas e, principalmente, na narrativa organizada de nossas memórias. Isso é: “A consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um *tu*.” (*Ibid.*, p. 286). Sendo assim, percebe-se a importância do outro nessa construção. Mesmo que, aqui, seja empregado como um outrem, vemos, mais adiante, nas palavras do autor, que este outro é, inicialmente, nós mesmos, ou uma expressão desse:

A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso. Por isso, *eu* propõe outra pessoa, aquela que, sendo embora exterior a “mim”, torna-se o meu *eco* - ao qual digo *tu* e que me diz *tu*. A polaridade das pessoas é na linguagem a condição fundamental, cujo processo de comunicação, de que partimos, é apenas uma consequência totalmente pragmática. Polaridade, aliás, muito singular em si mesma, e que apresenta um tipo de oposição do qual não se encontra o equivalente em lugar nenhum, fora da linguagem. Essa polaridade não significa igualdade nem simetria: *ego* tem sempre uma posição de transcendência quanto a *tu*; apesar disso, nenhum dos dois termos se concebe sem o outro; são complementares, mas segundo uma oposição “interior-exterior” e ao mesmo tempo são reversíveis. (Da subjetividade na linguagem, [1958], PLG I, p. 286 - 287).

Dessa forma, essa dupla construção nos dá testemunho do caráter próprio ficcional que este *eco* possui. Ele é, senão, uma articulação pensada do ser, deliberada, ainda que em um jogo nem sempre consciente, do que se *pretende* ser. Essa configuração, do que se pretende ser, só existe enquanto referência à instância presente do discurso. Esse *eu*, tendo em vista os diferentes momentos e atualizações desse signo dado o momento da enunciação, remete à realidade própria e à lógica interna construída nessa instância do discurso:

A realidade à qual ele remete é a realidade do discurso. É na instância de discurso na qual *eu* designa o locutor que este se enuncia como “sujeito”. É portanto verdade ao pé da letra que o fundamento da subjetividade está no exercício da língua. Se quisermos refletir bem sobre isso, veremos que não há outro testemunho objetivo da identidade do sujeito que não seja o que ele dá assim, ele mesmo sobre si mesmo. (Da subjetividade na linguagem, [1958], PLG I, p. 288).

É, nessa medida, que vemos as peças se juntarem. Aquele que rememora, o faz por meio da linguagem, a qual reveste este objeto de subjetividade e orienta sua narrativa em função de um objetivo de linguagem. A identidade deste sujeito, dessa forma, se constitui como uma construção modificável pela mediação dele mesmo, pela vontade deste. Contudo, a reminiscência não é um ato inteiramente “orientado”. Isso porque ela tem, por vezes, um caráter imotivado, sendo algo incontrolável e imprevisível. Não apenas relembramos e recordamos o que comanda nossa consciência. Na realidade, na maioria das ocasiões, gatilhos ou objetos nos impelem a rememorar. Esse retorno, entretanto, estará sempre sendo mediado por uma consciência atual e presente, a qual também dá indícios dessa subjetividade, do diálogo entre um *eu* passado com este *eu* atual.

Nesse sentido, é com relação ao *ser*, ao enunciar, falar e articular por meio de uma linguagem quem se *é*, que se marca justamente o estar vivo. Em contrapartida, a morte é a incapacidade de enunciar-se, de configurar-se enquanto um *eu* e um *tu*, pois esses só existem no espaço e na esfera do discurso, em situações discursivas. A morte é ser relegado ao lugar de *ele*, é passar a representar essa ausência. Silva, em um trecho do livro, dá voz a essas articulações ao visitar o túmulo de Laura:

o cemitério é o lugar de uma incômoda vida. acusa uma vida no limiar do perceptível que acontece aos olhos de quem se habitua ao movimento quase nenhum, o gasto do lugar morto de cada pessoa, o desbotado das fotografias ao sol que já não mostram cor e afundam os rostos no papel lentamente como a irem-se embora, há uma manifestação mínima que é como a comunicação possível com quem já não comunica, com quem já não existe mas deixa uma pobre memória ali materializada do que foi. (Mãe, 2016, p. 113).

Não se *é* mais, no momento da morte, pois esta é a consumação de uma ausência, de uma não marcação, de uma não participação. A narrativa de uma pessoa está findada no momento de sua morte, já que suas aceções e autodeclarações, se não registradas, estarão para sempre extintas junto consigo. Essa “manifestação mínima” no real, no concreto, existe somente no campo da lembrança, ou seja, não faz mais parte do concreto, do que *é*, senão pela agência da reminiscência

Ademais, outro aspecto muito interessante desta instituição final, desta fronteira da mortalidade, encerra em si uma característica fundamental à reflexão aqui proposta: o caráter ficcional que *lhe* é próprio. Ora, se a morte constitui o fim de tudo, a extinção da vida, a impossibilidade de enunciar e, portanto, de se marcar enquanto um *eu* — um sujeito vivo,

propriamente —, nada mais sabemos a respeito dela do que este *não-ser*, este cessar da existência. Desse modo, a morte, enquanto ausência, enquanto inexistência de vida, se constitui como a antinomia da ficção por excelência. Ela é o contrário absoluto das narrativas, que possuem em si um aspecto tanto relativo ao narrador — sua identidade e personalidade marcados por meio da linguagem — quanto relativo à subjetividade própria da linguagem, meio pelo qual se transmitem estas histórias. Se voltarmos novamente ao “Da subjetividade na linguagem”(1958), veremos que:

[...] (*eu*) É um termo que não pode ser identificado a não ser dentro do que, noutro passo, chamamos instância do discurso, e que só tem referência atual. A realidade a qual ele remete é a realidade do discurso. É na instância de discurso na qual *eu* designa o locutor que este se enuncia como “sujeito”. (PLG I, p. 288).

Com isso, a realidade do discurso é o limite do possível de ser enunciado, pois alude a uma estabilidade interna do enunciado. A realidade de fato não é o limite da língua, já que podemos congregarmos um enunciado em que um dragão come o computador de um aluno, o impedindo de realizar a tarefa de casa, mas nem por isso a realidade passa a comportar a existência do ocorrido. Porém, dentro de um enunciado, a linguagem supera os limites do real, pois estipula e elabora uma própria realidade, que é verdadeira enquanto instância do discurso, a qual é constituída e encontra sua validade em si mesma. É atendendo a uma lógica interna do enunciado que a ficção existe: dentro do meu enunciado, um dragão *existe e comeu* o computador do aluno, ainda que isso só seja real nesta instância do discurso. É dentro dessa lógica que a ficção atua. A ficção não pretende *ser* o real, não é direcionada a representar este último. Ela justamente existe em decorrência dos limites e impossibilidades do real. Como anota Benjamin em “Experiência e pobreza”:

Ao cansaço segue-se o sonho, e não é raro que o sonho compense a tristeza e o desânimo do dia, realizando a existência inteiramente simples e absolutamente grandiosa que não pode ser realizada durante o dia, por falta de forças. A existência do camundongo Mickey é um desses sonhos do homem contemporâneo. É uma existência cheia de milagres, que não somente superam os milagres técnicos como zombam deles. [...] A natureza e a técnica, o primitivismo e o conforto se unificam completamente, e aos olhos das pessoas, fatigadas com as complicações infinitas da vida diária e que vêem o objetivo da vida apenas como o mais remoto ponto de fuga numa interminável perspectiva de meios, surge uma existência que se basta a si mesma, em cada episódio, do modo mais simples e mais cômodo, e na qual um

automóvel não pesa mais que um chapéu de palha, e uma fruta na árvore se arredonda como a gôndola de um balão. (Benjamin, 1996, p. 118 - 119, grifos do autor).

Em vista disso, a existência da ficção se justifica em si mesma. Ela supera em muito as possibilidades inexprimíveis no real, realizando milagres somente limitados pelo campo do pensamento. A ficção, portanto, encerra em si esta aura do infinito, do ilimitado, do sem fim. Como bem aponta Antonio Candido, em “O direito à literatura” (1995): “a literatura é o sonho acordado das civilizações” (Candido, 2004, p. 175). Como o teórico discute em seu texto, da mesma forma que não se é possível viver sem sonhar para garantir o equilíbrio psíquico, não é possível, pois, viver em equilíbrio sem o fruir da literatura, sem o imaginar, não existindo nenhuma civilização ou homem ao longo da história que vivera sem a possibilidade de fabulação. É natureza própria da linguagem a subjetividade, da mesma forma que a linguagem é uma natureza própria da humanidade: “A linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou. [...] É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição de homem.” (Da subjetividade da linguagem, [1965], p. 285, grifos do autor). Na mesma medida, é da própria natureza do homem o ficcionar, a literatura. Essas três propriedades se entrelaçam na natureza do homem. E é, ainda, da natureza do homem ser finito. É nesse limite que se realiza o paradoxo da existência, pois sendo ela finita, a morte representa justamente a *anti-ficção*, a impossibilidade de enunciar, por meio da linguagem, uma narrativa. Se a ficção representa o ilimitado, a criação sem fim e sem limite, a morte é a ausência, o fim de qualquer construção, o vazio de criação, a impossibilidade de seguir criando:

sentei-me nas pedras da Laura e não tive a menor percepção de que ela estivesse ali a sentir a minha presença, não senti a sua, quero eu dizer, não havia ali nada que pudesse recuperar a sensação de tangibilidade com a minha mulher, nenhuma aragem esquisita ou um ruído sinistro que eu pudesse treslar para achar que do além se comprovava a persistência da vida e, melhor, a persistência da Laura. Se ela me pudesse ver naquele sítio, nem compreenderia como eu me deixara corromper pelas investidas no cemitério à procura de uma familiaridade com o futuro, se ela me pudesse falar, haveria de me enxotar veementemente dali para fora, a pôr-me a jeito de tarefas com valor para os vivos ao invés de desperdiçar o tempo a descontar para a morte, mas era verdade que a entrada naquele lugar ganhara sentido, e cada vez mais, desde há um tempo, algo naquele mesmo silêncio de sempre dizia respeito a um velho homem como eu, sempre atazanado com o saber antecipadamente o que

era de sofrer no dia seguinte, depois que a Laura morreu os meus objectivos aceleraram-se. objectivos nenhuns, apenas a pressa de parar [...] (Mãe, 2016, p. 191).

O trecho supracitado conforma justamente essa ideia. Silva, agora mais resignado com a morte de sua esposa, aceitando sua partida, passa a observar, neste caso tão próximo de si, de alguém com quem este dividia a vida e os seus dias, o que essa derradeira instituição da morte representava de concreto. Nesse recorte, fica clara a constatação da morte como essa ausência, essa incapacidade da persistência da memória. Se é pela linguagem e pela enunciação que o homem se marca como agente integrante do mundo, que participa do jogo enunciativo de implantar um alocutário *tu* diante de si e se marcar como um *eu*, então quando este se torna incapaz de participar de uma enunciação enquanto um destes, ele torna-se um *ele*. Aquele que não está mais presente em uma situação discursiva e nem jamais voltará a estar. Somente participa do jogo enunciativo como objeto, como ausência. Além disso, nos parece que o “silêncio” ao qual Silva alude é, na verdade, uma quietude interna do personagem, um conformar com o destino, com a morte, com essa inalienável certeza da vida: seu fim.

A construção de uma resignação com o fim, contudo, é gradual. Antonio Silva, aos poucos, acostuma-se a este desfecho. Em dado momento da narrativa, vemos que a presença constante da morte, que cria familiaridade no fim na vida dos mais velhos, é o que vai suavizando uma angústia interna da personagem: “[...] o lar feliz idade estava sempre de luto, como um lar de idosos foi feito para estar.” (Mãe, 2016, p. 158). Essa presença rotineira da morte perto do final da vida, a perda dos amigos próximos, dos parentes, as muitas modificações nas estruturas basilares, trazem uma estranha familiaridade a esse momento, e, por vezes, como no caso de Antonio, até um anseio por alcançá-la logo. Silva ilustra, em conformidade com a ideia acima expressa de se “organizar” para a morte, que esta representa a derradeira e a mais organizada das instituições:

[...] havia uma morte para cada um. alinhada como em fileiras do exército, apumada em grande brio para vir colher quem lhe competia no momento certo, a morte era, afinal, a mais organizada das instituições, cheia de afazeres e detalhes, mas muito competente e certa. (Mãe, 2016, p. 190).

Paradoxalmente à ideia da morte como representação do fim, porém, é o fato de ela representar, ao mesmo tempo, a maior fronteira que impele a humanidade à ficcionalização.

Se nada sabemos sobre o fim, sobre o vazio, enquanto em vida, esse espaço está totalmente pronto, como uma tela em branco, para a livre criação. Ademais, a fantasia tem disso em sua natureza. Ela pode brotar, se instalar e avançar no imaginário sem ser necessária a intenção para tanto. Portanto, a inexistência de qualquer conhecimento prévio comanda a curiosidade para imaginar. É aí que a fantasia e as narrativas atuam, elas agem para explicar ou para significar estruturas e ocorrências que, muitas vezes, não têm significado e nem precisam. É o caso da vida em si, que não precisa necessariamente de uma explicação ou de um motivo, ela apenas é:

deus é uma cobiça que temos dentro de nós. é um modo de querermos tudo, de não nos bastarmos com o que é garantido e já tão abundante, deus é uma inveja pelo que imaginamos, como se não fosse suficiente tanto quanto se nos põe diante durante a vida. queremos mais, queremos sempre mais, até o que não existe nem vai existir [...] (Mãe, 2016, p. 203).

Silva, no trecho acima, parece se revoltar com seus próprios desejos pelas fantasias impossíveis que superam a fronteira da morte. Deus, para ele, representa essa ficção que avança para explicar e dar sentido à existência, ocupando um terreno sobre o qual nada sabemos, apenas que representa o fim e a ausência de vida. É justamente pela capacidade de imaginarmos e criarmos aquilo que supera o real que este não nos basta. Não obstante, a própria narrativa da *a máquina de fazer espanhóis* parece apontar um sentido para isso. Em determinado momento, como que em uma piscadela para Benjamin, VHM pontua, dentro de seu romance, em um movimento extremamente metafísico, a importância das fantasias, das narrativas:

o esteves, doutor bernardo, é que me enganou, o estupor do homem, porque fiquei como os putos a descobrir o rato mickey diante dos olhos e o rato mickey, o senhor sabe, não existe, os ratos não falam, isso não existe, ele levantou-se para me acompanhar à porta, eu que já estava de pé e quase saindo, e respondeu-me, muito do que não existe é do mais importante da vida, não despreze nada, senhor silva, agarre-se a uma fantasia se for boa, que a realidade é bem feita desses momentos mais espertos de lhe fugirmos de vez em quando. (Mãe, 2016, p. 191 - 192).

É importante fazermos uma distinção. Benjamin entende que há uma diferença entre a narrativa e o romance. Para o autor, narrativas são histórias advindas da tradição oral e são uma forma artesanal de comunicação, pois nasceram em um meio artesão. Essas, portanto,

levam a marca de seu narrador. Para as narrativas, nada importam os questionamentos psicológicos de seus personagens e seu narrador. Já o romance não é produto dessa mesma tradição, pois é inteiramente ficcionado. Contudo, neste trabalho, quando nos referimos à narrativas estamos aproximando essa concepção da ideia de “história interna”, ou seja, uma produção ficcional com base em acontecimentos reais. Isso, pois o objetivo é construir um paralelo entre a narrativa (história interna) que a personagem constrói para si mesma na obra de Valter Hugo Mãe e as narrativas que cada pessoa elabora com base em suas próprias memórias. As narrativas, portanto, são o que dão tempero à vida. Sejam nas narrativas fantásticas, nos livros, filmes etc., ou na própria narrativa que vamos construindo por meio de memórias e vivências, sempre em atualização e construção nos momentos de reminiscências e quando enunciamos essas narrativas. Antonio Silva, no capítulo acima (“a memória selectiva”), está em profunda reflexão acerca de sua vida, em relação ao tempo que lhe resta desta. Sobre a morte de um homem, Benjamin pontua que:

Ora, é no momento da morte que o saber e a sabedoria do homem e, sobretudo sua existência vivida – e é dessa substância que são feitas as histórias – assumem pela primeira vez uma forma transmissível. Assim como no interior do agonizante desfilam inúmeras imagens – visões de si mesmo, nas quais ele se havia encontrado sem se dar conta disso–, assim o inesquecível aflora de repente em seus gestos e olhares, conferindo a tudo o que lhe diz respeito aquela autoridade que mesmo um pobre diabo possui ao morrer, para os vivos em seu redor. Na origem da narrativa está essa autoridade. (Benjamin, 1996, p. 207 - 208).

Para o autor, portanto, a morte está repleta de reminiscências, reencontros com o passado, e é onde atinge seu todo mais transmissível. Contudo, essa narrativa interna, da qual somente o *eu* pode ser narrador e que se desenrola a todo momento no contínuo de nossa existência, só pode existir enquanto existirmos.

Quando Antonio Silva diz: “o esteves, doutor bernardo, é que me enganou” há uma clara revolta dessa personagem com a insuficiência da vida. Silva, como visto previamente, nunca vivera anteriormente senão para cumprir suas obrigações enquanto um pai, um marido, um cidadão exemplar. Nunca teve amigos e, pelo que nos relata, parece nunca ter os querido. Porém, é justamente nessa incoerência que reside, para nós, a maior contribuição para as agruras da personagem. No penúltimo capítulo do livro, após a morte do Senhor Pereira, melhor amigo de Silva no Feliz Idade, vemos as mais significativas reflexões da personagem sobre sua vida e, também, sobre sua morte:

depois confessei-lhe, precisava deste resto de solidão para aprender sobre este resto de companhia, este resto de vida, américo, que eu julguei já ser um excesso, uma aberração, deu-me estes amigos, e eu que nunca percebi a amizade, nunca esperei nada da solidariedade, apenas da contingência da coabitação, um certo ir obedecendo, ser carneiro, eu precisava deste resto de solidão para aprender sobre este resto de amizade, hoje percebo que tenho pena da minha laura por não ter sido ela a sobreviver-me e a encontrar nas suas dores caminhos quase insondáveis para novas realidades, para os outros, os outros, américo, justificam suficientemente a vida, e eu nunca o diria, esgotei sempre tudo na laura e nos miúdos, esgotei tudo demasiado perto de mim, e poderia ter ido mais longe, e eu não morro hoje, rapaz, não morro sem acompanhar o senhor pereira ao cemitério, diz isso ao doutor bernardo, que meta as suas psicologias e temores no lixo, eu vou ver o meu amigo ir à terra porque depois nunca mais hei-de voltar a ver o meu amigo. (Mãe, 2016, p. 243 - 244).

Antonio, que até então não havia experimentado a amizade em sua vida, o faz quando não mais queria viver. É somente pela compreensão do *tu* que não é *eu* que alguém pode abraçar por inteiro a significação do individual de pessoa. Sobre isso, Benveniste argui:

A consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um *tu*. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da pessoa, pois implica em reciprocidade — que eu me torne *tu* na alocação daquele que por sua vez se designa por *eu*. (Da subjetividade na linguagem, [1958], PLG I, p. 286).

Esta é uma das principais características da linguagem para o autor: a subjetividade, a prerrogativa de se marcar enquanto um indivíduo único pelo e no discurso. Essa consciência, contudo, passa antes obrigatoriamente pelo reconhecimento e marcação de um *tu*. Não existe alocação sem antes existir um *tu*, ainda que este seja interno ao *eu*. Benveniste chama isso de polaridade, essa relação das pessoas que se estabelece no cerne da linguagem e da qual o processo de comunicação jamais prescindirá. Antonio, ao longo de sua vida, nega essa reciprocidade. Ele se exclui de sua própria simetria. Ele recalca tanto o seu *outro* interior quanto recalca todo e qualquer *tu* exterior. Assim, essas amizades, esse asilo, essa instância do discurso presente é autorreferenciada e atualizada por esse *eu*. A polaridade de pessoas que existe entre *eu/tu* não representa uma igualdade total, pois *eu* sempre será superior ao *tu* justamente pela subjetividade. Entretanto, “[...] apesar disso, nenhum dos dois termos se

concebe sem o outro, são complementares [...]” (Da subjetividade na linguagem, [1956], PLG I, p. 286). Dessa forma, a totalidade do *eu* passa, obrigatoriamente, por um jogo com esse *tu*. É no diálogo com *tu* que *eu* se compreende como um *eu* em sua totalidade, é pela perspectiva e pela compreensão da diferença desse outro lugar que entende o seu lugar. É neste momento final, nesta catarse tão necessária, que o narrador-personagem vislumbra o desfecho de sua própria narrativa. Adota, dessa forma, no plano da consciência, o que é construído ao longo da narrativa do livro: uma tonalidade que agrega o que era antes recalcado em sua personalidade. Quando Silva critica, esbraveja, se enfurece com o asilo, com esta realidade com a qual passa a ser obrigado a conviver, mesmo quando essa lhe proporciona amizades e relações nunca antes experimentadas por ele — as quais lhe trazem um alento das suas angústias —, ele revolta-se, na realidade, contra o medo da própria ausência iminente e eterna, ele revolta-se contra a sua própria morte. O que pressente Silva é o esgotamento e a destruição desta sua narrativa interna, que existe, tão somente, quando ele existe.

Assim, quando colocamos a história nessa perspectiva, nos parece inequívoco que, ao contrário do que Antonio mesmo argumenta, o seu forte desejo é de não se destruir. É na junção dos versos finais do capítulo vinte e um e no título do capítulo final do livro (“as melhoras da morte”) que fica clara essa nossa interpretação:

sabes que os peixes têm uma memória de segundos, aqueles peixes bonitos que vês dentro dos aquários pequenos, sabes que têm uma memória de uns segundos, três segundos, assim. é por isso que não ficam loucos dentro daqueles aquários sem espaço, porque a cada três segundos estão como num lugar que nunca viram e podem explorar. devíamos ser assim, a cada três segundos ficávamos impressionados com a mais pequena manifestação de vida, porque a mais ridícula coisa na primeira imagem seria uma explosão fulgurante da percepção de estar vivo. compreendes. a cada três segundos experimentávamos a poderosa sensação de vivermos, sem importância para mais nada, apenas o assombro dessa constatação. o américo respondeu-me, seria uma pena que não se voltasse a lembrar de mim, senhor silva, não gosto dessa teoria dos peixes, porque assim não se lembraria de mim. (Mãe, 2016, p. 247).

Nesse trecho, vemos a vontade de Silva de ainda viver manifestada. A empolgação de descobrir, nas pequenezas da vida, a maravilha de estar vivo. São estas amizades que, no capítulo seguinte, o qual fecha a história, o fazem, finalmente, receber as melhoras da morte. Todavia, não são as melhoras da morte de Laura ou da morte de Pereira, mas sim as melhoras da própria morte: morte prematura da consciência, que ocorreu durante a ditadura, morte da

fé na humanidade e nos outros, morte da esperança por si mesmo e morte concreta e inescapável que aguarda por essa personagem. Porém, agora que Antonio aprendera com esse resto de companhia, essa morte, que não chega ao final do livro, não é mais sua inimiga. Ainda que não seja também sua amiga, não passa de uma velha conhecida com a qual ele sabe ter um encontro marcado.

Sendo assim, conforme pode-se perceber ao longo do capítulo, a morte relaciona-se diretamente com a própria construção de um *eu*. Aquele que, em seus discursos, enuncia e rememora o faz com o intuito de se preservar, de se afirmar realmente como um sujeito que integra e modifica o mundo concreto. A morte, como o destino final ao qual estamos todos fadados, estabelece um limite possível para nossa narrativa interna. A nossa memória esgota-se, termina, morre. É somente em outras narrativas, de outros que ainda vivem, que nossa existência e memória podem ainda existir. A morte significa o fim absoluto dessa narrativa interna e individual, mas, contudo, ela também marca, como Benjamin pontua, o momento mais propício para a transmissão desta história como narrativa — da forma que o autor entende narrativas —, mesmo que, agora, esta esteja esvaziada da experiência individual daquele que a vivenciou. Portanto, a morte como uma antítese possível da ficção, como o fim desta narrativa pessoal, como a fronteira que barra, concretamente, a criação de histórias, esse ilimitado de possibilidades que vem da ficção. Entretanto, como podemos ver na história de Silva, este destino não precisa ser tenebroso, tal qual fora a ditadura de Salazar. Esse fim nada nos exige, a não ser clareza. Clareza de significado e intenções. Certa vez eu li, em algum lugar, que aqueles que se vão, nunca realmente se vão, levam um pouco de todos, deixam um pouco de si. É esse pouco de si, esse resto de experiência e resto de companhia, para usar emprestadas as palavras de VHM, que pode superar essa barreira final e transformar, pois a memória coletiva, a impressão que carregamos daqueles que se foram, essa é algo transcendental, que supera o tempo e a morte. Somente assim, Silva finalmente tem as suas melhoras da morte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo, para além de fechar e concluir a presente pesquisa, será, também, o capítulo final da minha graduação. Ao longo deste percurso, muitos foram os desafios. Por isso, muito maiores tiveram de ser as evoluções pessoais pelas quais passei. Frente às grandes demandas do percurso, sou convidado a dar um passo à frente, a corresponder ao tamanho do desafio. Creio que, acima dos percalços pelos quais passei, para além do currículo da graduação e o currículo lattes que construí nesses cinco anos como graduando de letras, este trabalho seja a culminação de todas essas horas, dias, meses e anos de aprendizado no Instituto de Letras. Em tempos em que, uma vez mais, os esforços da comunidade acadêmica — aqueles que trabalham em prol de mais humanidade e sensibilidade no ensino, visando às condições particulares de cada um — se chocam com aqueles que, de maneira persistente, continuam a perpetuar atos de violência psicológica e abusos, é extremamente importante salientar a importância de práticas educativas que prezam pelo respeito, atenção e, fundamentalmente, o afeto. Pois, assim como tantos outros trabalhos acadêmicos, este é fruto dos esforços de tantos professores, professoras e colegas. Portanto, além de ser a finalização de minha trajetória, este trabalho também carrega meus votos como discente da UFRGS e como professor: votos de que juntos possamos superar as antigas práticas acadêmicas que se apoiam em uma ideia que tão somente reproduz a crueza de nossa sociedade de mercado, voltada à máxima produção mesmo às custas de exaurir o elemento humano da equação e legando tantos traumas no processo, sobretudo aos jovens. Dessa forma, da mesma maneira que professores criaram e propiciaram as bases para o meu desenvolvimento durante esta caminhada, que eu possa fazer o mesmo por meus futuros alunos, alunas e alunes.

Nesta monografia, procuramos examinar as significações construídas através das reminiscências e dos relatos dos anos finais do protagonista criado por Valter Hugo Mãe em *a máquina de fazer espanhóis*. Além disso, buscamos construir uma lente de pesquisa baseada em métodos e formas advindos da metodologia enunciativa transversal, voltada à construção de um corpus textual de pesquisa que embasasse as análises e reflexões aqui exploradas. Para tanto, recorreremos à análise de diferentes trechos do livro que ilustram as chaves de leitura, divididos em três capítulos, os quais foram delimitados de acordo com temas de extrema relevância para a narrativa e para a compreensão da personalidade e da história desta personagem. Portanto, os apontamentos e comentários tecidos acerca da narrativa estão orientados, principalmente, por aspectos temáticos fundamentais da construção do romance.

Ao elegermos a transversalidade enunciativa como o princípio constitutivo da presente pesquisa, alguns pressupostos ficaram claros ao decorrer do estudo. Constatamos, neste percurso, que um romance só pode se constituir como uma complexa trama de inter-relações temáticas, as quais se sobrepõem nas complexas perspectivas das personagens acerca do mundo, algumas em maior grau, outras em menor. Assim, nessa perspectiva, é importante notar que, dada a temática da terceira idade, além do pontapé inicial da trama ser uma morte — logo, a ausência de alguém e alguma coisa —, a principal ferramenta a serviço de Mãe na construção de sua história não poderia ser outra senão a memória e a reminiscência. Isso nos levou a observarmos como estes processos contribuíram para a evolução da personagem principal ao longo da narrativa.

Em *a máquina de fazer espanhóis*, Valter Hugo constrói um quebra cabeças complexo do testemunho da vida de um velho homem, cheio de arrependimentos, solidão e extremamente traumatizado e contido pelas experiências que lhe foram, em certa medida, imputadas ao longo da vida. Dessa forma, foi necessário traçarmos apontamentos que, primeiramente, tinham o papel de delimitar as temáticas centrais às quais a narrativa se dedica. Disso, veio a forma do trabalho: três capítulos que analisam de que forma a memória se articula aos pontos mais pertinentes da vida de Antonio Silva; sua família, sua pátria e a morte.

Quando analisamos essa construção narrativa sob a ótica enunciativa, a linguagem ocupa papel central. Logo, observamos como este narrador produz sentidos em seus enunciados, buscando compreender de que forma ele se marca no discurso. Nos textos de Benveniste utilizados nas análises, os apontamentos do autor foram essenciais para a forma como olhamos para essa narrativa. O corpus textual de pesquisa, composto pelos textos: “A natureza dos pronomes” ([1956] PLG I), “Da subjetividade na linguagem” ([1958] PLG I), “A linguagem e a experiência humana” ([1965] PLG II) e “Aparelho formal da enunciação” ([1970] PLG II), centrou-se fundamentalmente na perspectiva de marcação do sujeito na linguagem e de como os sujeitos, mais especialmente este criado por Mãe, se propõem como tal. Dessa maneira, enquanto enfocamos esse processo, desenvolvemos a ideia de que, por meio das memórias, o *eu* se constitui como uma autoficção, já que é um produto de todas as suas vivências, resgatadas na rememoração, e que são mediadas sempre por uma consciência presente de si, na qual já incidiram ou ainda incidem as influências desse processo de modificação ou reconstrução do real lembrado, que somente existe enquanto ocorre.

Ademais, foram muito importantes para a empreitada construída aqui as reflexões propostas por Walter Benjamin em *Magia e Técnica, Arte e Política* (1996). Os textos

selecionados e utilizados foram: “Experiência e pobreza” (1933), “Sobre o conceito da história” (1940) e “O narrador” (1936). Dentre as propostas trazidas por Benjamin, utilizamo-nos principalmente: das definições de experiência e as mudanças que essa sofrera nas décadas que antecederam o trabalho do autor; os apontamentos sobre as definições e os conceitos de história e de tipos de visões acerca do seu estudo; por fim, as noções sobre as narrativas. Tendo esses trabalhos em mente, pudemos perceber que existiu um atrito geracional entre Antonio e seus filhos na primeira metade da obra, advindos das distintas relações que se constroem com base nestas experiências de vida tão divergentes. Além disso, também ficara notável, no capítulo dois, uma grande chaga advinda da ditadura salazarista na memória tanto de Antonio quanto da própria Portugal. Já os apontamentos sobre narrativas nos fizeram perceber o forte caráter autoral destas e, também, como nossa ficção sobre nós mesmos possui sempre um olhar advindo de nossa perspectiva, que nasce e orienta essa construção com base em nossas crenças e vivências.

Assim, em uma construção paralela, com mediações que buscaram aproximar a teoria linguística da teoria literária, compomos uma análise dividida em capítulos temáticos que procuraram compreender diferentes aspectos a respeito da narrativa e da memória. No primeiro capítulo, memória e família, buscamos entender qual era a relação da personagem com as memórias de sua família, qual era o papel e a importância dessa estrutura em sua vida e, conseqüentemente, na narrativa. Para isso, nos valemos de trechos da primeira metade do livro e de capítulos subsequentes à chegada de Silva ao asilo Feliz Idade. Neste primeiro momento da narrativa, percebemos que a personagem mantinha-se reticente frente a sua nova realidade, se negando a interagir com os outros moradores. Apontamos que, ao se negar a falar, Antonio Silva rejeita expressamente a realidade em que está, não se marcando nessa instância do discurso presente em que passara a existir e, portanto, não integrando-a realmente. Vemos, também, que os conflitos que tomam lugar na primeira parte do livro dizem respeito à diferença existente entre sua vida pregressa e a nova configuração em que essa se apresenta.

O segundo capítulo, por sua vez, fora o espaço em que nos ocupamos com traumas mais antigos da personagem. Nesse espaço, nos detivemos aos anos de repressão militar do governo de Salazar. Com base nas análises, pudemos ver que o trauma e os choques gerados na época do regime foram de extrema importância para a organização da personalidade de Antonio. Sua desconfiança, seu resguardo, assim como seu apego à família, constituíram-se como sua missão de vida, seu papel, em uma configuração de mônada — que paralisa o pensamento em uma configuração intrincada de tensões — sendo essas indissociáveis em sua

essência. Logo, é constitutivo dessa personagem sua forte resistência às outras pessoas e um senso de pertencimento para com os seus.

O capítulo três, e final, de nossa análise, ocupa papel central na discussão aqui estabelecida. A morte, como podemos notar ao longo da narrativa e das análises, está sempre presente, e sempre, de alguma maneira, guia, orienta ou paralisa as ações de Antonio. Essa, na nossa visão, representa a extinção da história de nossas memórias, do eu, que tece uma narrativa própria que orienta seu agir e seu viver. A morte, como antítese da ficção, pois representa o fim de qualquer forma de criação e não “negocia” com ninguém, é o grande medo e pesar de Antonio Silva. Ainda que sinta a ausência de sua esposa e o peso da vida sem sua companheira, nos fica claro que seu medo, revolta e pesar é, em realidade, frente ao seu próprio fim. São em seus discursos que percebemos um profundo arrependimento e amargor pelo passado e pelo que esse podia ter feito de seu futuro, seu atual presente. É com a sua própria ausência e destruição que a personagem não consegue fazer as pazes.

Com base nos conceitos de subjetividade presentes na linguagem, o índice de pessoa e os aspectos sobre o tempo linguístico, os quais apontam importantes chaves de análise acerca da linguagem em uso, mobilizada por um *eu*, podemos compreender de que forma este narrador se propõe como tal, se enxerga e se entende enquanto pessoa — mesmo que se trate de uma pessoa fictícia. Desse modo, a teoria enunciativa e as reflexões de Benveniste nos trabalhos supracitados foram essenciais para que este trabalho fosse possível. Os apontamentos do autor que nos situam nas particularidades da relação do homem com o tempo, em “Linguagem e experiência humana” ([1965] PLG II), foram especialmente relevantes, pois se encaixam muito bem nesta narrativa de Valter Hugo Mãe, em que o vai e vem de memórias, a alternância entre passado e presente e as relações que se estabelecem a partir daí, constituem a base da obra. Essas relações e paralelos entre as diferentes obras aqui abordadas foram de grande importância para a construção de sentidos em nossa reflexão.

Como explorado e constatado ao longo desta pesquisa, a teoria enunciativa pode proporcionar uma visão muito interessante sobre as obras literárias. Para além de oferecer uma chave de leitura que ilumina a natureza subjetiva da linguagem e, portanto, também do ser humano, ela nos possibilita uma outra visão do texto literário, o qual ganha força em suas múltiplas leituras, iluminando a polissemia de significados dessa estrutura. Além disso, o trabalho de análise aqui empregado, disposto a colocar em diálogo o campo linguístico e literário, pode contribuir não somente a um campo, mas a ambos, pois permite visualizarmos o texto como um produto da mente humana que articula múltiplas áreas, em diálogo, deixando essas produções passíveis de tantas leituras e análises quanto se possa imaginar.

Sendo assim, os paralelos construídos nas análises deste Trabalho de Conclusão de Curso esboçam que há muitas possibilidades de leituras, pesquisas e análises que podem ser empregadas em diferentes matérias, desde textos literários até outras produções artísticas e acadêmicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. *In: BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política*; tradução de Sergio Paulo Rouanet; revisão de Márcia Copola e Elvira da Rocha. 1. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996. p. 114-119.

BENJAMIN, Walter. O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In: BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política*; tradução de Sergio Paulo Rouanet; revisão de Márcia Copola e Elvira da Rocha. 1. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996. p. 197-221.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. *In: BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política*; tradução de Sergio Paulo Rouanet; revisão de Márcia Copola e Elvira da Rocha. 1. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996. p. 222-232.

BENVENISTE, Émile. A natureza dos pronomes. *In: BENVENISTE, Émile. Problemas de linguística geral*; tradução de Maria da Glória Novak e Luiza Neri; revisão do Prof. Isaac Nicolau Salum. São Paulo: Ed. Nacional, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976. p. 277-283.

BENVENISTE, Émile. Da subjetividade na linguagem. *In: BENVENISTE, Émile. Problemas de linguística geral*; tradução de Maria da Glória Novak e Luiza Neri; revisão do Prof. Isaac Nicolau Salum. São Paulo: Ed. Nacional, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976. p. 284-293.

BENVENISTE, Émile. A linguagem e a experiência humana. *In: BENVENISTE, Émile. Problemas de linguística geral II*; tradução de Eduardo Guimarães et al.; revisão técnica da tradução de Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1989. p. 68-80.

BENVENISTE, Émile. O aparelho formal da enunciação. *In: BENVENISTE, Émile. Problemas de linguística geral II*; tradução de Eduardo Guimarães et al.; revisão técnica da tradução de Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1989. p. 81-90.

BERGSON, Henri. Do reconhecimento das imagens. A memória e o cérebro. *In: BERGSON, Henri. Matéria e Memória: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito.* Tradução de Paulo Neves; revisão de Monica Stahel. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 83-152.

CANDIDO, Antonio. Direito à literatura. *In: Vários escritos.* 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1995. p. 235-263.

FLORES, Valdir do Nascimento. A enunciação e os níveis de análise linguística. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE TEXTO, ENUNCIÇÃO E DISCURSO – SITED,* setembro de 2010. Porto Alegre. Anais. Porto Alegre: PUC-RS, 2010. P. 396-402.

FLORES, Valdir do Nascimento. Teoria da Enunciação. *In: ROMERO, Márcia; GOLDNADEL, Marcos; RIBEIRO, Pablo Nunes; FLORES, Valdir do Nascimento (Org.). Manual de linguística: Semântica, pragmática e enunciação.* Petrópolis, RJ: Vozes. 2019. p. 145-173.

MÃE, Valter Hugo. *A máquina de fazer espanhóis.* 2. ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.

PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego:* composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa. Editora Companhia das Letras, 2015.

DA SILVA, L. P. ANÁLISE ENUNCIATIVA DE O LIVRO DO DESASSOSSEGO ILUSTRADA PELAS JANELAS DE EDWARD HOPPER. Trabalho de Conclusão de Curso - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 65. 2021.